UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
***CAMPUS* DE MARÍLIA**

VALERIA PALL ORIANI

RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: INTERFACES QUE ENVOLVEM AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

MARÍLIA
2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
***CAMPUS* DE MARÍLIA**

VALERIA PALL ORIANI

RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: INTERFACES QUE ENVOLVEM AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Tese de Doutorado, apresentado à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC-Unesp- *Campus* de Marília.
Linha de Pesquisa: Políticas Educacionais, Gestão de Sistemas e Organizações, Trabalho e Movimentos Sociais.

Orientadora: Prof[a]. Dr[a]. Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo.

MARÍLIA
2015

Oriani, Valéria Pall
O69r Relações de gênero e sexualidade na educação infantil: interfaces que envolvem as práticas pedagógicas / Valéria Pall Oriani. – Marília, 2015
101 f. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2015.
Bibliografia: f. 85-87
Orientador: Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo.

1. Educação infantil. 2. Relações de gênero. 3. Sexo. 4. Prática de ensino. I. Título.

CDD 372.21

VALERIA PALL ORIANI

RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: INTERFACES QUE ENVOLVEM AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Tese para obtenção do título de Doutora em Educação

Banca Examinadora

_____

Orientadora: Prof[a]. Dr[a]. Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo
Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista-Marília

_____

2ª. examinadora: Prof[a] Dr[a] Sofia Marques da Silva
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto

_____

3ª. examinadora: Prof[a]. Dr[a]. Neusa Maria Dal Ri
Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista-Marília

_____

4ª. examinadora: Prof. Dr . Maria de Fátima Salum Moreira
UNOESTE - Universidade do Oeste Paulista

_____

5ª. examinadora: Profa. Dra. Luciana Penitente
Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista - Marília

Marília, 20 de maio de 2015.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me deu todas as ferramentas possíveis para terminar minha tese. A minha mãe por ter me ensinado o modelo de mulher que eu quero ser e ao meu pai por feito o possível para me ajudar a conseguir ser este modelo. Agradeço A minha amiga-irmã que tem me acompanhado nessa jornada, como minha escudeira fiel, sempre ao meu lado pro que der e vier.

A minha filha amada que tanto me orgulha, por sua compreensão, em permitir que o pouco tempo que temos deveria se dividido com a tese. À minha orientadora que aceitou participar dessa batalha sem pestanejar, e a minha eterna professora e amiga Martha dos Reis. Elas duas demonstraram que com elas ao meu lado não há como não vencer.

Agradeço também aos participantes da pesquisa, que tiveram a boa vontade de compartilhar comigo suas experiências e dificuldades e aos pesquisadores por tentar responder às minhas dúvidas.

Agradeço também aos membros da banca que contribuíram lendo minha tese com suas preciosas sugestões para que eu possa lapidá-la. Agradeço aqueles e aquelas, que tem me ajudado torcendo por mim e querendo que tudo de bom aconteça. E, finalmente agradeço pela concessão de minha bolsa Capes que tanto tem me auxiliado a divulgar a minha pesquisa dentro e fora do país.

ORIANI, Valeria Pall. *Relações de gênero e sexualidade na educação infantil:* interfaces que envolvem as práticas pedagógicas. 101f. Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2015.

RESUMO

Este texto é a versão final de tese de Doutorado em Educação, desenvolvida junto ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Marília (SP), Brasil. Tive como principais objetivos: levantar quais são as percepções de educadores sobre relações de gênero e sexualidade nas práticas pedagógicas na educação infantil; compreender as manifestações da sexualidade das crianças neste nível de escolarização, bem como a atuação dos/das profissionais diante dessas manifestações; problematizar as relações de gênero no espaço da educação infantil, considerando as discussões em torno do cuidar e do educar. Para atingir os objetivos propostos fiz uso de entrevistas com educadores que trabalham tanto no interior de duas instituições escolares selecionadas como universo de pesquisa, quanto de profissionais vinculados à Rede Municipal de Ensino da cidade de Marília (SP). Contei, ainda, com entrevistas feitas com dois estudiosos da Universidade que trabalham diretamente com a temática e possuem uma preocupação com a formação continuada de professores. Pautada na análise das falas de meus entrevistados e em suporte teórico que engloba estudiosos de referência sobre o objeto de pesquisa proposto, pude verificar que as práticas pedagógicas desenvolvidas no espaço escolar podem reforçar estereótipos construídos historicamente nas relações sociais. A escola reproduz práticas sexistas presentes na sociedade em geral e pode trabalhar a favor da permanência de discriminações e preconceitos referentes à identidade de gênero. Contudo, defendo a ideia de que é possível educar para a transformação, se houver uma mudança de mentalidade que está além da reformulação de currículos em cursos de formação de professores. Entre as contribuições que este trabalho pode trazer para a comunidade científica estão: colocar em evidência um objeto ainda pouco explorado no meio acadêmico; trazer elementos para a reflexão que possam nortear a reformulação de currículos em cursos de formação de professores; favorecer a proposição e implementação de cursos de formação continuada para educadores; trazer à tona, mais uma vez, o debate sobre o processo de socialização de crianças pequenas que ocorre no interior de instituições de educação infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil; Relações de gênero; Sexualidade; Práticas Pedagógicas.

ORIANI, Valeria Pall. *Gender relations and sexuality in childhood education*: interfaces involving pedagogical practices. 101f. Thesis. (Doctorate in Education) - São Paulo State University, Faculty of Philosophy and Sciences, Marilia, 2015.

ABSTRACT

This text is the final version of my Doctoral thesis in Education, developed together with the Graduate Program of the Faculty of Philosophy and Sciences - Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" campus of Marilia (SP), Brazil. My main goals were to raise the perceptions of the teacher on gender relations and sexuality in pedagogical practices in childhood education; to understand the manifestations of sexuality in children at this level of schooling, as well as the actions of the professionals in face of these events; to problematize gender relations within childhood education considering the discussions around caring and educating. To achieve the proposed goals I resorted of interviews with educators that work inside two educational institutions selected as research site, and also with professionals linked to the Municipal Education Network of the city of Marilia (SP). Moreover, I counted on interviews with two students of the University who work directly with the issue and have a concern for the continued formation of teachers. Guided by the analysis of the speeches from my interviewees and by theoretical support that encompasses benchmark scholars on the proposed research subject, I was able to ascertain that the pedagogical practices developed at school can reinforce stereotypes historically constructed in social relationships. The school reproduces sexist practices found in society in general and may work in favor of the permanence of discrimination and prejudices related to gender identity. However, I support the idea that it is possible to educate for transformation, if there is a change in mentality that is beyond the reformulation of curricula in teacher formation courses. Among the contributions that this work can bring to the scientific community are the following: to highlight a yet explored object in the academic environment; to bring elements for reflection that may guide the reformulation of curricula in teacher formation courses; to encourage the proposition and implementation of continued education courses for educators; to bring to light once again the debate on the process of the socialization of young children that occurs within educational institutions.

Keywords: Childhood Education; Gender relations; Sexuality; Pedagogical Practices.

SUMÁRIO

Introdução..... 7

CAPÍTULO 1 - As práticas sexistas: o reforço diário para a manutenção de um padrão heteronormativo..... 18

1.1 As percepções sobre as práticas pedagógicas e a transgressão das crianças..... 21

1.2 As questões sobre o sexismo..... 28

1.3 O posicionamento de pesquisadores..... 31

1.4 Práticas pedagógicas e o reforço sexista..... 34

CAPÍTULO 2 – Relações de gênero na escola: educadoras/es buscando seus lugares..... 38

2.1 Relações de gênero na escola: educadores falam o que pensam..... 40

2.2 Relações de gênero na escola: breve análise..... 57

CAPÍTULO 3 - Sexualidade na educação infantil..... 62

3.1 As ações e concepções das/os educadoras/es sobre a sexualidade..... 66

3.2 Como os pesquisadores da sexualidade contribuíram com essa pesquisa 76

3.3 Questões iniciais a respeito dos aspectos discutidos..... 79

Conclusão..... 82

Referências..... 85

ANEXO - Roteiro das entrevistas..... 89

Introdução

Desde que a Educação Infantil passou a ser reconhecida como um direito da criança na *Constituição Federal Brasileira* de 1988 (BRASIL, 1988), ela tem sido alvo de uma incessante luta pela formação de sua identidade coexistindo a dualidade entre o *cuidar* e o *educar.*

Segundo Kuhlmann (2000), essa dualidade pode ser compreendida pelo processo histórico pelo qual a Educação Infantil passou, tendo como um de seus maiores destaques, o caráter assistencialista que se perpetuou durante um longo período de sua existência. As consequências desse percurso ainda são descritas por autoras/es que elegem como objeto de estudo esse nível de ensino.

Kramer (2008, p. 54) afirma que uma das grandes lutas em relação à Educação Infantil é a de que o aspecto pedagógico seja considerado, tendo em vista as escolhas feitas principalmente em relação ao como lidar com igualdades e diferenças que fazem parte da dimensão política[1].

Em relação a esse aspecto é importante considerar que também faz parte do processo histórico da Educação Infantil a formação de seu corpo docente ter sido composto, em sua grande maioria, por mulheres, fato que contribui para ressaltar a perspectiva de cuidados. Isso porque a predominância de mulheres não se constitui em um acaso, neutro de significados, mas sim em uma junção de fatores que corroboram para que esses aspectos somados resultem na perspectiva do cuidar.

Um dos fatores que pode ser considerado é a formação das professoras desse nível de ensino que somente passou a ser exigida em nível superior a partir da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação (BRASIL, 1996) com um prazo de dez anos para o seu cumprimento (CERISARA, 2002). Dessa forma, por exigência da Lei, somente no final do século passado é que passou a haver uma preocupação por parte das instituições de ensino superior com a formação de professores para atuar na educação infantil e ensino fundamental. Até então, profissionais formados em nível médio, no curso profissionalizante denominado Magistério, davam conta de tais tarefas. Soma-se a este fato, a existência de outros agentes que trabalhavam nas creches que ocupavam a função

[1] Neste texto Kramer (2008) defende a importância de um projeto político pedagógico nas escolas de Educação Infantil com a perspectiva de que eles sejam uma forma de atuação contra as desigualdades existentes em nossa sociedade, por isso a importância das escolhas que envolvem as atividades pedagógicas.

de atendentes ou cuidadoras.

O debate sobre este tema é longo e denso. Embora não faça parte do eixo de nossas preocupações neste momento, serve para fornecer elementos para a compreensão da forma como os profissionais da educação infantil foram, ao longo do tempo, vistos como "inferiores" em relação aos demais educadores de outros níveis de ensino. Isto afetou e até mesmo tornou legítimo aos olhos do poder uma remuneração menor se comparada aos demais.

Defender o cuidar como o principal objetivo da educação infantil pode servir, em certa medida, para a não profissionalização e reconhecimento do educador que lá trabalha. Há quase que uma fusão entre os espaços públicos e privados tanto das crianças quanto dos adultos que lá que interagem.

Considerando-se que, conforme demonstram as estatísticas, a grande maioria de profissionais que trabalham nesse nível de ensino são mulheres, é possível concluir que do ponto de vista do poder estabelecido assim como da sociedade em geral, o trabalho com crianças pequenas pode ter uma estreita relação com o papel que é socialmente esperado das mulheres em relação à maternidade. Na verdade, no espaço público, ela estaria desenvolvendo tarefas que lhe são peculiares em âmbito doméstico, o que justificaria a não necessidade de uma sólida formação, que por sua vez justificaria baixos salários, falta de reconhecimento, etc.

Não é por acaso que parte dessas educadoras são popularmente denominadas por "tias" e que ao seu trabalho são atribuídas responsabilidades inerentes às famílias das crianças. Tiram delas o caráter político e profissional do trabalho. Cobram-se resultados que extrapolam as capacidades advindas do processo de formação.

Em pesquisa que realizei em nível de Iniciação Científica[2] que resultou no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *Direitos humanos na Educação Infantil*: primeiros passos para a cidadania (ORIANI, 2008), constatei que a perspectiva política e pedagógica da profissão docente nesse nível de ensino parece se desintegrar em meio às relações afetivas na Educação Infantil.

Dividida em duas partes, bibliográfica e de campo[3], a pesquisa em questão foi realizada na cidade de Marília/SP, em duas escolas de Educação Infantil, uma particular

[2] Bolsa FAPESP (Outubro de 2008-Março de 2009).
[3] A pesquisa foi composta por observação das práticas pedagógicas de professoras das duas escolas e ao final além das professoras as diretoras e coordenadoras pedagógicas responderam a um questionário.

e outra municipal,e teve como objetivo verificar se as professoras de Educação Infantil abordavam as temáticas direitos humanos e cidadania em suas práticas pedagógicas.

Ao término do trabalho, constatei que todas as entrevistadas consideravam importante a utilização das temáticas direitos humanos e cidadania em suas práticas pedagógicas, porque as compreendiam como parte indissociável de suas relações com as crianças à medida que as tratavam com respeito. Notei, a partir dessas afirmações, que elas não compreendiam que tais escolhas e posicionamentos deveriam estar diretamente envolvidos nos aspectos políticos da profissão docente. Percebe-se que, também elas, associam o trabalho aos cuidados e a afetuosidade.

Essa questão também se tornou evidente ao observar suas práticas pedagógicas e perceber que as professoras deixavam de ser chamadas por seus nomes, até mesmo por suas colegas de profissão, todas eram *tias*.

De acordo com Novaes (1984, p.128; p.130) a aceitação e propagação da denominação *tia* pelas professoras, se expandiu no Brasil, principalmente a partir da década de 1960, momento em que o assistencialismo fazia parte da realidade na Educação Infantil.

Para essa autora, a utilização da denominação *tia* para as professoras tem seu significado muito além da afetuosidade "[...] é muito mais uma dissimulação de uma relação de autoridade do que a solução de um problema afetivo." (NOVAES, 1984, p.130).

Para Freire (1997) tratar a professora por *tia* esconde um viés ideológico, que retira da profissão docente sua atuação política, já que enquanto *tia* a professora torna-se uma figura passiva capaz de deixar de brigar por seus direitos em nome de seu carinho com as crianças. Ele questiona "Quem já viu dez mil *'tias'* fazendo greve, sacrificando seus sobrinhos, prejudicando-os no seu aprendizado?" (FREIRE, 1997, p.10, grifos do autor).

Seguindo a perspectiva de que a profissão docente na Educação Infantil tem como um de seus componentes a afetuosidade e que esse aspecto poderia estar ligado à grande proporção de mulheres nesse nível de ensino, busquei compreender como se comportam os homens nessa profissão.

Considerei que as relações de gênero que poderiam ocorrer na atuação de homens e mulheres, como docentes na Educação Infantil, me permitiriam compreender

se as características afetuosas envolveriam também os homens comprometendo as escolhas políticas e, consequentemente, suas práticas pedagógicas.

Para responder a essas inquietações, realizei pesquisa de mestrado que resultou na dissertação intitulada *Direitos Humanos e Gênero na Educação Infantil*: concepções e práticas pedagógicas (ORIANI, 2011)[4], na qual busquei uma escola de Educação Infantil na cidade de Marília/SP que contava com um homem em seu corpo docente[5].

A pesquisa foi dividida em duas partes: a primeira bibliográfica e a segunda empírica, que realizei a partir de observações das práticas pedagógicas de uma professora e de um professor[6]. O objetivo era entender a concepção de ambos a respeito de direitos humanos, cidadania e gênero.

Ao final do trabalho, notei que ambos não compreendiam a importância da perspectiva de educar em direitos humanos em suas práticas pedagógicas, possivelmente porque não tiveram acesso a informações que lhes proporcionasse a reflexão a esse respeito. Já a questão da cidadania foi mencionada como parte integrante das atividades.

Para a professora, a importância da cidadania era trabalhada com as crianças do berçário (0 a 2 anos) em relação à convivência entre si e com as demais crianças e para o professor, as crianças do infantil I (2 a 3 anos) aprendiam a escolher as atividades que gostariam de fazer no dia.

Entretanto, apesar dessas questões representarem que em suas práticas pedagógicas ambos demonstrassem respeito pelas crianças, ensinando-as sobre a importância das escolhas e das regras para a convivência social, um aspecto que se destacou nesse cotidiano mantendo as desigualdades em relação ao corpo docente na Educação Infantil foi a diferença nas relações de gênero.

Em determinadas questões o professor desfrutava de alguns privilégios e era visto pela maioria de suas colegas de trabalho como *especial* por ser um homem atuando em uma profissão feminina, mas em outras circunstâncias era vítima de preconceito pela forma como conduzia as atividades pedagógicas.

Além disso, a diretora tentava manter com os pais e mães das crianças uma relação delicada para que a presença do professor não fosse questionada ou se tornasse

[4] Bolsa CNPq (Abril 2009-Março 2011).

[5] Conforme dados obtidos na Secretaria da Educação Municipal de Marília em dezembro de 2009, havia nessa cidade dois professores para 446 professoras na Educação Infantil em toda a rede Municipal.

[6] Ao final das observações foram realizadas entrevistas com a diretora, a coordenadora pedagógica, a professora, o professor e uma assistente de creche.

alvo de reclamações, visando não prejudicá-lo e também não comprometer a escola frente à Secretaria Municipal de Educação da cidade de Marília/SP.

Percebe-se que, na escola, reproduz-se as relações e representações sociais que existem além de seus muros. Trata-se de uma instituição que poderia trabalhar para a desconstrução de conceitos preconcebidos em outros espaços, contudo, é uma instituição formada por pessoas que carregam consigo elementos que estão presentes no imaginário coletivo e que, portanto, fazem parte da cultura. Sendo assim, pode-se sugerir que há mais reprodução do que produção de conceitos, sobretudo em relação aos temas de direitos humanos, cidadania e relações de gênero.

Questões como essa, embora possam parecer sutis, interferem não apenas nas atividades da escola como um todo, mas também na forma como são compreendidas pelas mulheres e homens que atuam na educação infantil, porque são essas referências que trazem de seu gênero e das limitações que lhes são impostas, que serão vivenciadas em suas práticas pedagógicas.

De acordo com a definição de Scott (1990), as relações de gênero são baseadas nas diferenças entre os sexos, que constituem-se em relações de poder, mas que não ocorrem necessariamente da mesma forma. Assim, em um contexto como esse em que a predominância é de mulheres, o homem pode ser subestimado, ou, ao contrário, ter seu trabalho mais valorizado do que o de suas colegas de trabalho.

No entanto, enquanto eu observava sua atuação como professor, notei que as crianças o questionaram sobre o comportamento de uma criança relacionado à masturbação. O professor se sentiu pressionado a responder por que eu estava acompanhando suas atividades. Respondeu para as crianças utilizando uma justificativa religiosa de que o corpo da criança pertencia a Deus e, portanto, ele só poderia ser manuseado em caso de higiene, pois em outras situações seria pecado.

Percebi que sua explicação não tinha convencido as crianças e que elas esperavam uma punição para a criança que tinha se tocado. A frustração tomou conta da turma, ninguém estava se sentindo contemplado com a explicação que deu sobre essa questão.

Quando terminei as observações e realizei as entrevistas ele me contou que essa situação era desagradável para todas as professoras, mas para ele era ainda pior, afinal de contas um homem falando com as crianças sobre sexualidade não era bem visto pela família das crianças e pelas colegas de trabalho.

Terminada a pesquisa de mestrado, eu tinha muitas outras questões sobre a sexualidade na educação infantil, a saber: era algo vivenciado corriqueiramente em sala de aula? As/os professoras/es tinham algum tipo de formação, ou algum preparo para lidar com questões como essa? Quais as curiosidades mais frequentes? Por que professoras e professores achavam que essas manifestações poderiam ocorrer?

Considerando as dificuldades que os homens passavam, pelo julgamento precoce por sua capacidade e masculinidade, eu optei por ouvi-los para que falassem sobre suas dúvidas e dificuldades. E as professoras, quais as suas dificuldades? Além disso, trago para a continuidade do debate argumentos de pesquisadores que estudaram a temática, buscando compreender teoricamente os elementos que eles acumularam ao longo de suas produções e que poderiam me auxiliar a analisar meu objeto de pesquisa.

Para isso, busquei conhecer como a figura masculina era avaliada por todos/as profissionais entrevistadas/dos, para saber até onde o medo do abuso poderia prejudicar as práticas pedagógicas dos homens na Educação Infantil. Afinal, as imagens que são veiculadas a respeito do homem e sua sexualidade, geram ainda o preconceito de que ele não consegue controlar seus impulsos sexuais e que está a todo o momento pronto para o sexo e, constantemente, à sua procura (GARCIA, 1998).

Essas informações que apresentam a figura masculina como ameaçadora, segundo Felipe (2006, p. 214), têm contribuído para que professores de Educação Infantil repensem suas práticas.

> Tal situação tem levado muitos profissionais, no campo da educação, por exemplo, a mudarem seus comportamentos frente às crianças, para não serem confundidos com pedófilos. Refiro-me aos homens que trabalham com educação infantil (0 a 6 anos) que, para evitarem maiores problemas, procuram não ficar sozinhos com elas – especialmente numa situação de troca de fraldas – ou mesmo colocá-las sentadas em seus colos.

Essa questão contribui para que os olhares dos pais e mães também atentem para as atitudes do professor, muitas vezes até interferindo em suas práticas ou mesmo pedindo para que crianças menores sejam passadas para turmas com professoras. Interferências como essas advindas de pais e de mães podem, no entanto, comprometer as decisões no interior da escola, influenciando as relações de gênero e, consequentemente, as práticas pedagógicas.

Além dessas questões descritas que, por si só, já demandam um olhar atento sobre as relações de gênero e no cotidiano da educação infantil, há ainda a necessidade

de professoras e professores lidarem com a manifestação da sexualidade das crianças. Quando ocorrem, essas manifestações contam com uma intervenção pedagógica para que a criança conheça os limites da intimidade na escola. No entanto, a falta de preparo em relação à sexualidade permite espaço para que os mitos e tabus sejam seguidos e aceitos como verdades.

A partir dessa junção de mitos e tabus e das dificuldades pessoais de cada profissional, defini como problema de pesquisa: conhecer como os educadores da Educação Infantil respondem aos questionamentos das crianças a respeito da sexualidade?

Sendo assim, para a realização desta pesquisa, elenquei como objetivo geral: analisar, a partir das percepções dos educadores, as relações de gênero e sexualidade nas práticas pedagógicas na educação infantil.

Entre os objetivos específicos destaco: compreender as manifestações da sexualidade das crianças da educação infantil, bem como a atuação dos/das profissionais diante dessas manifestações; problematizar as relações de gênero no espaço da educação infantil, considerando as discussões em torno do cuidar e do educar.

Como primeiro passo para o desenvolvimento do trabalho visando atingir os objetivos propostos, pedi autorização à Secretaria da Educação de Marília/SP, para realizar as entrevistas. Em meu pedido, solicitei que as mesmas ocorressem em duas escolas, uma que tivesse um homem atuando como professor da educação infantil e outra escola que apenas tivesse mulheres em seu corpo docente. Não foi surpresa saber que na cidade havia apenas uma escola com um homem no quadro de docentes.

Com isso, entrevistei educadores de uma escola que chamaremos de A, na qual havia um professor (homem) e educadoras de outra escola que denominaremos por B (composta somente por mulheres). Entre esses educadores estão docentes, responsáveis pela direção e coordenação do trabalho pedagógico.

Solicitei, também, a realização de entrevista com o orientador pedagógico da Educação Infantil da Secretaria Municipal de Marília. Tratava-se do professor que participou de minha pesquisa de mestrado, que conta com uma atuação de vinte anos como professor de educação infantil. Entrevistei, também, a supervisora da educação infantil com a intenção de conhecer como orienta para que as professoras e professores atuem diante desse tema e a Psicóloga da Secretaria Municipal de educação de

Marília/SP com o intuito de conhecer os aconselhamentos para os/as profissionais que estão em sala de aula e precisam responder às crianças.

Além desses profissionais, entrevistei os pesquisadores e professores da Unesp, respectivamente do Campus de Bauru e de Araraquara, Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Paulo Rennes, os quais desenvolvem pesquisas na área de educação sexual, visando conhecer algumas dificuldades que esse tema sugere e como eles consideram a questão da formação de professores nas questões que se referem à sexualidade.

A opção pelos sujeitos entrevistados no âmbito do município envolve os responsáveis pelas orientações e supervisões dos trabalhos desenvolvidos no interior do espaço escolar (orientador pedagógico, supervisora da educação infantil e psicóloga da Secretaria Municipal de Educação). São também responsáveis por administrar conflitos, implementar políticas educacionais, entre outras atribuições. Quanto aos educadores que trabalham no interior das instituições escolares selecionadas, optamos por escolher aqueles que estão diretamente envolvidos com o fazer pedagógico e que, ao mesmo tempo, são responsáveis pela implementação prática das políticas educacionais e novas abordagens curriculares.

Minha interlocução com teóricos da área se fez de modo pessoal, através de entrevista, com os dois pesquisadores da Universidade Estadual Paulista citados anteriormente. Não são os únicos na Instituição a debruçarem-se sobre o tema em questão, contudo, a qualidade do trabalho por eles desenvolvidos e a proximidade dos mesmos com a cidade e com a Unesp de Marília/SP, incentivou-me a procurá-los tendo em vista a possibilidade de realização, no futuro, de um trabalho de intervenção consistente na Rede Municipal de Educação e até mesmo no intercâmbio entre unidades da Unesp que possam favorecer a realização de eventos e novas pesquisas, que, de alguma forma, possam contribuir para melhorar a formação de professores no curso de Pedagogia da Unesp, bem como fornecer subsídios para aqueles que já estão trabalhando na Rede.

Além dos contatos pessoais, realização de entrevistas e apreensão das próprias representações que os educadores das escolas selecionadas têm de si mesmos, fiz amplo e profícuo estudo bibliográfico elegendo os principais pesquisadores sobre o tema proposto para análise.

As entrevistas foram elaboradas de forma não estruturada, mas de modalidade focalizada, pois mesmo que tenha sido organizado um roteiro com as questões

pertinentes, foi permitida uma total liberdade para que o/a participante se posicionasse diante das questões (LABEGALINI, 2007). Em anexo a este texto, deixei indicadas as questões que utilizei para a entrevista dos sujeitos da pesquisa.

O terceiro passo foi o da análise das entrevistas, na qual busquei apreender as formas e as dificuldades dos educadores em lidar com um tema como este, tendo em vista a qualificação profissional que tiveram nas instituições que os formaram e o apoio, ou falta dele, da secretaria para auxiliar os/as profissionais a resolver estas questões com as crianças e sua famílias.

Tomei como foco privilegiado para o questionamento e posterior análise das argumentações dos educadores situações relativas à sexualidade que, de fato, ocorreram no espaço escolar, por entender que tais vivências poderiam traduzir-se em um momento peculiar para a aprendizagem tanto por parte dos educadoras/es quanto dos educandas/os.

Em vista do exposto, apresento os principais conceitos que utilizei para nortear a construção de minha argumentação, são eles: relações de gênero, práticas sexistas, masculinidade hegemônica, manifestações da sexualidade.

As *relações de gênero* foram sistematizadas por Scott (1976, p.86) com a seguinte definição

> [...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, o gênero é uma forma primária de dar significado de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é direcional.

As relações de gênero são responsáveis, portanto, pela construção de papéis sexuais.

As práticas sexistas permeiam as atividades pedagógicas diárias, contribuindo para a construção das identidades meninos e meninas, com o intuito de corresponder ao padrão de comportamento esperado para cada um dos gêneros. Como afirma Finco, (2008, p. 268), as

> [...] práticas educativas, ao reproduzirem determinados comportamentos, acabam determinando posições diferenciadas para meninos e meninas. É possível afirmar que o modo como as práticas educativas apresentam as brincadeiras e os brinquedos na Educação Infantil pode estar contribuindo para a construção de um modelo único de feminilidade e de masculinidade.

Essas práticas colaboram para que as identidades sejam construídas pouco a pouco e quando a criança, utilizando o exemplo do brinquedo, escolhe um que, culturalmente, não é indicado para seu gênero, os educadoras/es, que também são produtos de uma cultura, podem desconfiar que algo esteja errado com ela. Há momentos e situações em que o papel de sujeito da história fica em segundo plano, sobretudo, quando se depara com situações que fogem ao que é socialmente considerado "normal".

Definido por Robert Connell (1995, p. 188 grifo do autor) *a masculinidade hegemônica*

> [...] é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, têm se tornado comum falar *masculinidades.*

Arrilha (1998) menciona que também foi Connell (1995) quem defendeu a ideia da masculinidade hegemônica, aquela em que se delimita um modelo de homem,

> A ideia de masculinidade hegemônica, isto é aquela de homens brancos, heterossexuais, de setores médios da população, que tenderia a se configurar como o conjunto de práticas dominantes – junto com o fato de tais homens serem monogâmicos e terem sua sexualidade voltada para a reprodução. (CONNELL, 1995, p 138)

Devido a constante utilização do conceito *manifestações da sexualidade*, na pesquisa, esclareço que compartilho das argumentações de Maia e Spaziani (2010, p. 69):

> Há muitas manifestações sexuais entre as crianças. As mais comuns, tanto no ambiente escolar como familiar, são curiosidades e questionamentos, a masturbação infantil e os jogos sexuais. A masturbação sexual infantil, solitária ou não, é marcada, na maior parte das vezes pela exploração do corpo respondendo a um estímulo corporal imediato e não às representações subjetivas de fantasias eróticas adultizadas.

Optei por organizar esta tese de doutorado em três capítulos: no Capítulo 1, intitulado **As práticas sexistas: o reforço diário para a manutenção de um padrão heteronormativo**, tenho como objetivo discorrer e analisar como são os discursos das/os profissionais da educação entrevistados, comentando suas práticas com relação aos "desvios" dos padrões estabelecidos; no Capítulo 2, intitulado **Relações de gênero na escola: educadoras/es buscando seus lugares**, problematizo como são vivenciadas

as relações de gênero nas duas escolas de educação infantil de Marília nas quais desenvolvi a pesquisa e, no Capítulo 3, intitulado **Sexualidade na educação infantil**, apresento e analiso as formas como os profissionais participantes da pesquisa lidam com as manifestações de sexualidade advindas das crianças.

Ressalto que apresento primeiramente à Banca Examinadora de Defesa de Tese de Doutorado e posteriormente ao público em geral, uma entre outras formas possíveis de trabalhar o tema proposto. Entre as contribuições que este trabalho pode trazer para a comunidade científica estão: colocar em evidência para o debate um objeto ainda pouco explorado no meio acadêmico; trazer elementos para a reflexão que possam nortear a reformulação de currículos em cursos de formação de professores; favorecer a proposição e implementação de cursos de formação continuada para educadores; trazer à tona, mais uma vez, o debate sobre o processo de socialização de crianças pequenas que ocorre no interior de instituições de educação infantil.

CAPÍTULO 1 – As práticas sexistas: o reforço diário para a manutenção de um padrão Heteronormativo

Pesquisas acadêmicas tem trazido para o debate teórico a existência de práticas sexistas na Educação Infantil. No entanto, considerando que o espaço escolar destinado às crianças pequenas, se constitui em local no qual os educadores também trabalham para que ocorra a socialização primária da criança, pode-se destacar ao menos duas possibilidades em relação à educação/formação: a pura e simples reprodução de práticas e valores existentes na sociedade ou a criação de oportunidades de vivências cotidianas que favoreçam o desenvolvimento de condutas que, de certa forma, colaborem para a formação de um ser social mais justo e que, na relação com outro, forme sua própria identidade.

Neste quesito em particular, concordo com Finco (2008, p.250) quando afirma

> A instituição de Educação Infantil pode incorporar, em suas práticas educativas, iniciativas que introduza conscientemente, como estratégia de socialização, a meta de igualdade de gênero e de extinção de práticas sexistas. Se quisermos construir uma sociedade mais justa e democrática teremos que discutir a diversidade cultural, reconhecê-la e valorizá-la, nas práticas educativas do dia-a-dia, garantindo uma educação pela qual meninos e meninas possam, como seres humanos, viver esta fase da vida em sua plenitude.

Embora as pesquisas educacionais venham denunciando a existência de práticas sexistas no espaço escolar e apresentado formas para superá-las, é possível verificar que a efusão de valores e preconceitos que as justificam nas rotinas diárias as têm mantido inabaláveis. È possível supor que isso ocorra devido ao seu percurso histórico assistencialista, o que permitiu que a Educação Infantil fosse vista como um espaço onde são desenvolvidas tarefas muito próximas das que ocorrem em âmbito doméstico.

Essa característica tem contribuído tanto para demarcar e desqualificar um campo de trabalho visto como preferencialmente feminino, como, também, para reforçar as práticas que binarizam os papéis sexuais indicando o que é próprio ou não para cada gênero. Assim, por meio de atividades e tratamentos diferenciados para meninos e meninas, a Educação Infantil têm sido responsável por práticas sexistas, muitas vezes sem ao menos perceber o quanto estas ações podem comprometer o desenvolvimento da identidade da criança.

Para Louro (1997), o desenvolvimento das identidades de gênero e sexual transcorre por toda a vida. A identidade de gênero se multiplica de acordo com os papéis sociais e processos culturais que vão permeando a construção de gênero da criança, já a identidade sexual se refere à preferência sexual atrelada ao prazer que a criança irá buscar.

Assim, as identidades de gênero e sexuais estão em constante transformação, mas no que refere-se à Educação Infantil, a busca pela heteronormatividade sufoca todas as possibilidades que possam contrariar o gênero em questão e acaba agindo como uma sutil repressão, com o intuito de vigiar os corpos e reforçar diariamente a importância de não transgredir o que é socialmente determinado para cada gênero.

Como afirma Louro (2011, p. 53), a construção dessas identidades, se dá constantemente, uma em relação a outra.

> Quando afirmamos que as identidades de gênero e as identidades sexuais se constroem em relação queremos significar algo distinto e mais complexo do que uma oposição entre dois pólos; pretendemos dizer que as várias formas de sexualidade e de gênero são interdependentes, ou seja, afetam umas às outras.

Sendo assim, a convivência da criança na Educação Infantil sugere que ela compreenda as escolhas que pode fazer para que construa suas identidades. Para que esse autoconhecimento ocorra, ela necessita ter a liberdade de escolher que papéis sexuais e identidades de gênero ela quer para si. No entanto, as práticas pedagógicas estão voltadas para manter essas escolhas vigiadas e quando possíveis podadas de acordo com os padrões determinados heteronormativos.

Esses padrões que permeiam as práticas pedagógicas, muitas vezes sem ao menos ser de forma intencional, são construídos culturalmente e trabalhados no espaço escolar por intermédio de recompensas e sanções para que a criança aja conforme o esperado. Assim como afirma Finco (2008, p. 266), a

> [...] forma com que a professora conversa com a menina, elogiando sua meiguice ou quando justifica a atividade sem capricho do menino; o fato de pedir para uma menina a tarefa de ajudar na limpeza e ao menino para carregar algo torna possível perceber como as expectativas são diferenciadas para as meninas e os meninos. O que é valorizado para a menina não é, muitas vezes, apreciado para o menino e vice-versa.

Contudo, se essas práticas são baseadas em construções sociais, reforçadas por padrões relacionados a valores sexistas, podemos também agir para que ocorra a

situação inversa. A compreensão do quanto essas escolhas limitam a imaginação e a liberdade da criança para brincar e se relacionar sugerem o questionamento sobre o fato de que essas práticas sexistas podem ser nocivas. Assim, surge a possibilidade de mudança de atitude por parte dos/as educadores/as,mas para que uma mudança ocorra é necessário que haja uma conscientização quanto à sua necessidade.

> A conscientização da importância de uma mudança de atitudes como esta exige um trabalho de desconstrução de preconceitos e mitos relacionados ao senso comum. A solução para esta questão seria contar com uma formação docente capaz de, promover um espaço de convivência democrática baseada em uma educação igualitária e não sexista. (FINCO, 2008, p. 271).

Como afirma Louro (2011), a instituição escolar é responsável pela *fabricação de sujeitos*. Fabricar sujeitos significa sutilmente e permanentemente agir disciplinando para que corpos e mentes atuem conforme o esperado. Essa ação ocorre quando todos os sujeitos pertencentes à instituição escolar costumam agir, sem perceber, da mesma forma, em relação ao delineamento das escolhas quanto ao gênero. Vários são os fatores que se relacionam a essas ações, como discursos permanentemente homofóbicos associados ao senso comum e à incerteza quanto às possibilidades da escolha da criança pela homossexualidade. Dessa forma, as práticas sexistas cumprem seus papéis.

> São, pois as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizadas que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente seja exatamente esta: desconfiar do que é tomado natural. (LOURO, 2011, p. 67).

Desconfiar do que é visto como natural requer observar e repensar como essas práticas podem ser nocivas por limitar as escolhas e o aprendizado das crianças quanto à construção de suas identidades. Porém, é preciso considerar que as crianças exercem uma força contrária quanto às práticas sexistas e, como afirma Finco (2008), mesmo sendo vista como um comportamento desviante, quando a criança encontra espaço para transgredir ela ressignifica a relação com as outras crianças, revezando os papéis sociais nas brincadeiras e buscando apenas a diversão.

> A positividade das transgressões se traduz na forma como resistem aos padrões pré-estabelecidos, quando expressam seus desejos, recriam e inventam novas formas de brincar, novas formas de ser menino e de ser menina. (FINCO, 2008, p. 269).

Sendo assim, apresentarei os resultados da pesquisa que desenvolvi a respeito da ação dos educadores selecionados que estão envolvidos na educação infantil de Marília S/P quando as crianças transgridem e expressam seus desejos quanto à escolha dos brinquedos, considerando as dificuldades para explicar para a família, a escolha da criança, e a atuação desses profissionais a partir dessa transgressão.

1.1 As percepções sobre as práticas pedagógicas e a transgressão das crianças

Em busca de respostas a respeito de como as manifestações da sexualidade das crianças são tratadas pelas professoras, professores e outros/as profissionais ligados à educação infantil de Marília, verifiquei que as mesmas práticas que interferem no autoconhecimento da criança a esse respeito são as que limitam as brincadeiras das crianças com o propósito da heteronormatividade.

Assim, conhecer como são os discursos dos/as profissionais da educação, comentando suas práticas com relação aos desvios dos padrões estabelecidos, interessam para a pesquisa por permitir esclarecimentos sobre as concepções a respeito dos papéis sociais, porque são esses discursos que vão alimentar os preconceitos e estereótipos reconhecidos em busca da compreensão da sexualidade. Para tal, as/os entrevistadas/os foram convidados a falar sobre o que consideravam sobre as práticas sexistas e como elas poderiam ser influenciadas pela própria família para que a criança não fosse "desviante".

A primeira entrevistada foi a *diretora* da escola A. Perguntei a ela como a família da criança influenciava nas práticas diárias com relação ao brincar e aos brinquedos. Ela comentou uma situação em que uma mãe reclamava sobre o comportamento de sua filha, mas, para isso, utilizou estereótipos para justificar as ações das crianças.

> De vez em quando chega uma mãe dizendo, ela está muito *moleca,* ela só quer brincar com os meninos, os meninos tem aquela coisa assim, eles gostam de brincar de luta, de correr, de subir, de pular, mas eles são mais resolvidos, eles brigam ao mesmo tempo fazem as pazes, mas meninas têm as brincadeiras mais delicadas vamos dizer assim, mas ao mesmo tempo elas falam fulana não quer brincar mais comigo, sabe a fofoquinha e algumas meninas você percebe que gostam mais das brincadeiras dos meninos, aquela mais moleca e alguns meninos já se identificam mais com essas brincadeiras divididas, eu não sei se isso quer dizer alguma coisa [...]. (DIRETORA, 2013, grifo meu).

De acordo com a *diretora* dessa instituição, a mãe reclama do comportamento da criança, pois percebe que a menina está mantendo um comportamento inesperado para seu gênero. Possivelmente, a menina sinta-se mais à vontade em brincar com os meninos pelos próprios estereótipos que ela mencionou: eles não fazem fofocas, são mais resolvidos e suas brincadeiras são mais expansivas.

No entanto, no final de seu comentário a *diretora* demonstra sua incerteza quanto à escolha das crianças em relação às brincadeiras e suas preferências, será que elas estariam dando indícios de sua opção sexual?

Em seu próximo exemplo, a *diretora* parece apresentar mais um questionamento sobre qual o papel da escola quando a criança opta pela homossexualidade, se a família por si só não consegue resolver essa questão sozinha?

Ela comentou sobre o caso de um pai que demonstrava seu receio em relação à opção sexual do filho. Ele pedia que a professora ou a diretora não deixasse seu filho brincar com as meninas. Esse pai passou a comprar os carrinhos que mais chamavam a atenção de seu filho, mas o menino não se interessava. A *diretora* comentou que se impressionava com a tentativa do pai em impor ao menino a escolha pelo carrinho, como se dessa imposição dependesse a opção sexual de seu filho.

Ao tornar-se adulto, o menino optou pela homossexualidade, portanto, a imposição pelos brinquedos relacionados aos meninos, não teve a repercussão esperada pelo pai. Ela comentou que acha

> [...] que o pai já tinha preconceito se a professora ou eu o deixasse brincar com menina ele vai se tornar homossexual que na verdade não tinha nada a ver, mas o pai fica com essa prevenção, que eu acompanhei hoje ele é adulto, faz medicina, hoje ele é homossexual, não adiantou nada ele impor. (DIRETORA, 2013).

Explicar para a família sobre a preferência da criança por um brinquedo que não é socialmente indicado para seu gênero não é tarefa simples. Ela precisa saber conversar com os pais para que os esclarecimentos não impliquem em maiores problemas para ela ou até para a criança,

> [...] olha papai, ele brinca com a boneca, mas também brinca com outras coisas, o menino que brinca com boneca não significa que ele vai ser homossexual, às vezes um menino que brinca com boneca, ele vai ser carinhoso com o filho, ele está desenvolvendo este lado, às vezes ele está querendo conhecer, essa curiosidade às vezes é passageira. (DIRETORA, 2013).

Para que essa conversa tenha o resultado esperado, segundo a *diretora,* é necessário conhecer os pais e saber como falar com eles porque dependendo de como você direciona a conversa eles podem pensar que você está favorecendo a situação. Ou até mesmo sem querer você acaba prejudicando a relação do pai com a criança.

Para que a família não apresente um preconceito quanto à escolha que a criança faz do brinquedo, a justificativa da atuação do menino como futuro pai parece aliviar e até mesmo evitar as questões relacionadas à opção sexual.

Segundo Felipe (2000, p. 170-171), quando os filhos demonstram um comportamento não apropriado para seu gênero, como brincar com bonecas, por exemplo, os pais costumam reagir de forma inesperada.

> Em especial os homens ficam muito aflitos quando percebem que seu filho apresenta um comportamento que entendem como uma possível *tendência* homossexual. Para estes pais, é como se suas próprias identidades masculinas estivessem em jogo, na medida em que não foram *homem o suficiente* para influenciar o filho com este modelo de masculinidade tido como normal e hegemônico. (grifos da autora).

A partir dessa afirmação é possível compreender o porquê dos pais compartilharem com a escola a preocupação sobre os requisitos para que seu filho apresente em sua opinião comportamentos heterossexuais.

No entanto, como se observa, a escola também não sabe como agir, ela tenta reforçar comportamentos que se relacionem ao gênero da criança, divide as brincadeiras e as crianças quando formam filas, mas isso não é válido para todas as crianças, como destaquei com o caso que a *diretora* comentou.

A *diretora* também abordou a diferença entre os brinquedos das meninas e os dos meninos. Os delas são mais coloridos, têm mais brilho, são mais atrativos; já os dos meninos são sempre sem graça. As crianças percebem essa diferença e se interessam pelas coisas mais chamativas, os brinquedos das meninas são mais bonitos do que os dos meninos.

Felipe (2000, p. 169) também comenta a diferença sobre os brinquedos característicos para cada gênero.

> Os brinquedos considerados de meninos caracterizam-se geralmente pela menção ao esporte, priorizando assim as atividades que exijam movimentos amplos, força física, competitividade e uma forte carga de agressão. Há no mercado inúmeros jogos que seguem nesta direção, tais como o Chute bol, Jogo Pênalti, Soco do Gugu, Bate Bate e ainda uma linha enorme

> de bonecos ou super heróis com aspectos sisudos, envoltos em armaduras, escudos, capacetes, espadas, etc.

Assim, os meninos muitas vezes se interessam pela variedade de cores que os brinquedos relacionados às meninas têm para oferecer e se interessam pelos brinquedos pela aparência deles, não se importando se não são indicados para seu gênero, porque de acordo com a *diretora* "[...] as crianças não fazem essa diferenciação até mais ou menos 4 ou 5 anos, mas aí acho que os pais começam a falar que o rosa é a cor da menina e o azul é a do menino." (DIRETORA, 2013).

O caso desse menino que mesmo com a insistência do pai em oferecer o carrinho, optava por brincar com as meninas também foi relembrado pela *professora* dessa escola. Esse caso parece ter tido grande repercussão junto à comunidade escolar, que acompanhou a sensação de fracasso do pai.

O *professor L* afirmou não ter esse tipo de problemas em relação ao interesse dos pais pelos brinquedos. Para ele, os pais geralmente estão trabalhando e não têm tempo para esse tipo de preocupação.

Mesmo não atendo-se às brincadeiras das crianças, com a seriedade que as demais professoras fazem, talvez por serem mais cobradas que ele, os estereótipos devem ser considerados,

> [...] coloquei lá uma fileira de meninos e uma fileira de meninas e comecei a brincadeira, então tinha que chegar do outro lado tocar a mão da criança e voltar com o saco para entregar para a outra criança e as meninas ganharam em disparado, os moleques não ganharam nenhuma, mas porque, olha que legal, o que eu diagnostiquei, foi a desorganização dos meninos. (PROFESSOR L, 2013).

A vitória das meninas devido a sua organização deixou o *professor L* confuso, pois sua aposta foi de que os meninos venceriam por contar com a força física. O que possivelmente não percebeu é que os estereótipos são construções sociais baseadas em características fixas que correspondem a cada gênero, não há como enquadrar as crianças em um determinado modelo, sem contar com o dinamismo delas. E foi exatamente o que ele fez, considerou apenas as características físicas dos meninos e perdeu sua aposta.

Já a *professora* da escola B afirmou que quando questionadas, as crianças ainda apresentam dúvidas quanto ao gênero que pertencem. Ela comentou sobre uma

atividade que propôs que tinha como principal objetivo identificar o gênero a que a criança pertence e a maioria das crianças não sabia responder.

> *O cartaz de prega*, eles tem que reconhecer o nome e identificar o gênero se é menino ou menina, tem umas meninas que falam que é menino, elas olham para o desenho que fizeram e dizem *sou menino*, então elas ainda confundem um pouco, na hora da fila, por exemplo. (PROFESSORA, 2013).

A identidade de gênero ainda não foi construída na mente dessas crianças a ponto de se reconhecerem como pertencente a um ou outro gênero. As construções sociais que vão aos poucos separando as crianças e as dividindo conforme a habilidade que esperam delas ainda não foi totalmente inculcada.

Finco (2008, p. 267) nos explica como a escola age construindo corpos e mentes de meninos e meninas para que a identidade de gênero seja finalmente aceita.

> As diferenças podem ser percebidas, mas não são fixadas na característica biológica da criança apresentada ao nascer. Os significados de gênero vão sendo impressos nos corpos de meninos e meninas de acordo com as expectativas de uma determinada sociedade.

Essa *professora* também se pronunciou quanto à escolha dos brinquedos. Inicialmente ela afirmou que a família das crianças não costuma se manifestar em relação à escolha dos brinquedos, isso porque ela costuma deixar que as crianças brinquem livremente.

No entanto, se entre as próprias crianças surge um conflito, ela resolve apresentando para as crianças os brinquedos como se fizessem parte das responsabilidades em relação à família no futuro, sendo assim, brincar com a panelinha significa que quando crescer precisará cozinhar. Ela explicou.

> Vai brincar de casinha? Todos brincam. Tem os brinquedinhos ali, panelinha e tal, o menino também vai cuidar de casa, brincar de boneca, eu não distingo se quiser pegar a boneca pra brincar eu não fico assim porque eu acho que é para a vida deles também, eles vão aprender a cozinhar a cuidar de uma casa, cuidar do filho, então eu acho que normalmente eles deixariam essas diferenças, carrinho é para menino e boneca é de menina, mas na hora que você coloca os brinquedos ali, na hora eles decidem. Eu deixo fluir não fico podando não e nem direcionando. (PROFESSORA, 2013).

O modo como ela conduz as discussões revela que os meninos, podem brincar de casinha porque terão que cuidar da casa. Sua afirmação é válida no sentido de que estão ensinando as crianças que ambos terão responsabilidades quanto aos afazeres

domésticos, mas pode também estar indicando que os meninos só podem brincar com brinquedos de meninas caso estejam se referindo ao mundo doméstico. Conforme afirma Finco (2003, p. 96), é

> [...] importante ressaltar que os brinquedos são compreendidos como elementos culturais, portadores de significados e de um enredo social e as crianças estão, a todo momento, recriando novos significados.

Nesse sentido, os brinquedos não representam para as crianças apenas o que atribuímos a eles, eles e elas brincam sem se preocupar com estes significados, se são ou não válidos, o que importa para eles/as é a diversão.

O *professor M* também afirmou propor atividades de acordo com os estereótipos, muitas vezes sem perceber que está estabelecendo limites para cada gênero. Ele explicou que há

> [...] atividades que exigem realmente um esforço físico, por exemplo, brincar de bola. Você dá a bola de futebol, eu dava pra todos, mas eu percebia assim que eu na minha concepção que os meninos iam pegar essa bola, mas muitas meninas exigiam a entrada delas no time, mas na minha concepção eu voltei para os meninos esse jogo de bola, por exemplo, pular corda era voltado mais para as meninas, mas eu percebia que os meninos também queriam brincar. Eu, enquanto professor de educação infantil, sempre respeitei a menina e o menino. (PROFESSOR M, 2013).

Reforçar o que considera ser adequado para o gênero apenas comprova que ele não está considerando as escolhas das crianças. Os meninos gostam de futebol, mas as meninas também querem brincar, não significa que elas estão se comportando como meninos, apenas representa que elas também gostam e talvez saibam que mulheres jogam futebol profissional e são tão boas quanto os homens.

De acordo com Finco (2008, p. 267),

> A escola acaba orientando e reforçando habilidades distintas para meninos e meninas, transmitindo expectativas quanto ao tipo de desempenho intelectual considerado "mais adequado" para cada sexo, manipulando recompensas e sanções sempre que tais expectativas são ou não satisfeitas. Meninos e meninas recebem educação muito diferente, embora mesmo estando sentados na mesma sala, lendo os mesmos livros, ouvindo a mesma professora.

Dessa forma, as expectativas do *professor M* não foram satisfeitas, mas ele afirmou respeitar a menina e o menino, o que possivelmente seja verdade, assim as sanções podem ter sido substituídas pela compreensão do desejo de diversão delas.

Em se tratando de fuga dos papéis sociais, o *professor M* comentou sobre os meninos brincarem com bonecas. Ele referiu-se principalmente ao fato de que é complicado justificar para o pai que seu filho prefere brincar com bonecas e não com carrinhos.

> Principalmente se for uma criança afeminada, hoje não, eu já derrubei esse peso muito em mim, porque eu percebi que tem menino querendo brincar de boneca eu falava assim, puxa vida eu vou chegar à mãe e dizer que a criança é afeminada, tanto que era realmente a opção sexual dela pode ser homossexual ou não, a criança pode estar exercendo ali no momento de brincar, que a gente sabe que é atividade principal da criança, a imaginação de ser um pai que está cuidando, olha que rico isso né? Mas os pais de hoje se você for falar que o filho brinca com boneca, você tem que ter todo um tato, entendeu? (PROFESSOR M, 2013).

Explicar para o pai a preferência em relação ao brinquedo não significa justificar uma opção sexual. Um brinquedo pode assumir qualquer significado para a criança, o modo como o brinquedo é visto e oferecido para a criança diz mais do que o brinquedo em si (FINCO, 2008).

Além disso, sem imaginar, o *professor M* pode representar um exemplo a ser seguido pelas crianças. Assim, quando um menino pega uma boneca para brincar, ele pode estar brincando de *professor*.

Percebeu que pode representar para as crianças um exemplo a ser seguido, tendo em vista que às vezes ele precisa agir como as professoras em relação aos cuidados, ou até mesmo alguma situação que a criança precise de colo. O fato é que algumas vezes ele precisa comprovar para as crianças que não há porque ter preconceito no que se refere a um homem ser carinhoso com a criança, pois esse comportamento não condiz com a opção sexual, mas sim que tipo de ser humano você escolhe ser.

> [...] eu venho pensando minhas posturas, há uns 3 ou 4 anos, isso de quebrar mesmo esse preconceito, e eu assim passo muito isso pros meninos, *eles olham muito pra mim*, porque eles têm esse preconceito já desde o início na cabecinha deles, já vem com isso criado na cabecinha deles, eu faço muito isso de quebrar, de pegar a boneca, de cantar, sabe eu sempre faço isso, eu sempre gostei de fazer isso com as crianças. (PROFESSOR M, 2013).

O *professor M* confirmou que as crianças trazem muitos preconceitos de seu convívio, justamente porque talvez seus familiares não percebam o quanto esse sexismo é nocivo para que se tenha por objetivo uma sociedade igualitária.

Ciente desse risco, o *professor M* decidiu utilizar a admiração que as crianças têm por ele para desconstruir esses preconceitos utilizando uma boneca para representar o papel de pai. E assim ele comentou sua atitude.

> Eu já fiz isso: catei uma boneca e falei vem cá, vou ser o papai hoje, os meninos ficaram assim. Disseram: Professor você com uma boneca? Respondi: O que é que tem? eu estou sendo o papai, eu estou cuidando dela, não tem problema nenhum em pegar uma boneca, você pode pegar. (PROFESSOR M, 2013).

Além disso, por conta das contradições econômicas e sociais é possível perceber que atualmente muitos homens têm estado à frente dos cuidados das crianças no espaço doméstico, enquanto que as mulheres ocupam o mercado de trabalho.

Essas mudanças não têm ocorrido apenas no cenário doméstico; as profissões relacionadas aos cuidados das crianças também têm provocado uma grande mudança quanto às discussões sobre as masculinidades. Prova disso, são os professores que participaram dessa pesquisa.

Portanto, como afirma Finco (2000, p.268),

> Fica difícil, por exemplo, continuar sustentando a importância que um menino não brinque com boneca, em nossa sociedade atual, na qual cada vez mais o pai assume comportamentos de cuidado com suas próprias crianças.

Essa prática de cuidados têm sido comum em relação a ambos os gêneros, portanto, considerar que o menino está fugindo aos padrões quando está segurando uma boneca é algo para ser repensado.

1.2. As questões sobre o sexismo

Também entrevistei as responsáveis por prestar consultoria às diretoras e demais profissionais que estão na sala de aula sobre as dúvidas no contato com a família a respeito da escolha dos brinquedos por parte das crianças. A *supervisora de ensino* responsável pela Educação Infantil no município de Marília, por exemplo, se posiciona entre a escola e a Secretaria Municipal servindo de suporte para que as discussões a esse respeito sejam sustentadas e justificadas pelas escolas, quando tiverem algum confronto com os pais.

Já a *psicóloga,* presta serviços sobre este tema, conversando com a família caso seja solicitada. Além disso, orienta os profissionais nas escolas, por meio de cursos e

palestras para a comunidade escolar, envolvendo esse ou qualquer outro assunto que diga respeito ao estado psicológico da criança.

Sendo assim, considerei importante ouvi-las no que refere-se à temática, tendo em vista a importância de sua influência junto aos discursos das/os demais entrevistadas/os de Marília.

A *supervisora municipal de ensino* explicou que considera as escolhas relacionadas à preferência sexual como construções sociais que vão sendo superadas aos poucos. Ela citou o exemplo das cores,

> Por que é que tem que ser rosa para as meninas e azul para os meninos? Eu acho que isso existiu, sim um certo tabu e eu acho que isso está mudando muito, você pode ver que hoje você vê homens usando camisa rosa, a mulher parece que nunca teve essa questão. Não sei se você concorda comigo, mas isso ficou mais arraigado no homem e hoje você percebe homens de uma certa idade usando camisetas rosa ou salmão, ou uma cor assim e isso na verdade não difere. (SUPERVISORA, 2013).

Ela sugere uma superação da atribuição de cores, que dentro de sua percepção representa o fim de um tabu. No entanto, não podemos afirmar que apenas o fato de utilizar uma camisa rosa signifique a superação de um tabu, é necessário saber o que pensa o homem que a está utilizando. Mas, não podemos discordar que o uso da cor rosa por um homem já representa uma mudança em termos de comportamentos. O professor M, por exemplo, afirmou utilizar essa cor de camisa com o objetivo de provar para os meninos que tanto o observam que a opção por uma cor direcionada ao feminino não significa uma mudança na opção sexual, mas infelizmente não são todos os homens que quando utilizam esta cor buscam uma quebra de padrões.

Para essa *supervisora municipal de ensino,* a questão dos tabus relacionados à opção sexual da criança estar atrelada às cores e aos brinquedos está praticamente superada. Pode até ser um assunto superado entre as diretoras, por não discutirem essa questão com tanta frequência, mas em sala de aula as discussões estão tão presentes como antes, prova disso são os discursos dos entrevistados que buscam até mesmo ressignificar o brincar com bonecas para não comprometer as escolhas das crianças.

Além disso, seu comentário demonstra incerteza em relação ao que pensa a esse respeito e a finalização de seu posicionamento com uma questão parece evidenciar essa dúvida.

> [...] talvez ainda por preconceito, talvez ainda achando que o brincar com uma boneca ou pegar uma boneca na mão pode virar

> mulher, e na verdade não é nada disso, a criança não vê isso, não vê que ela vai pegar a boneca na mão e vai mudar a sexualidade dela, ele vai continuar sendo menino do mesmo jeito, a menina brincar com o carrinho ou um bonequinho masculino, não vai não é? (SUPERVISORA, 2013).

Como sugeri, a *supervisora municipal de ensino* parece ter dúvidas em sua argumentação. E essa dúvida parece se comprovar quando ela faz a próxima afirmação, sugerindo outro modo de pensar o tema. De acordo com uma escolha natural o menino opta por brinquedos femininos, ela justifica que vê

> [...] a criança de uma maneira tão natural, e o que a gente observa também na escola, alguns casos que algumas crianças familiarizam mais com a questão das meninas mesmo, alguns meninos isso ocorre muito esporádico, muito raramente, mas às vezes acontece sim. (SUPERVISORA, 2013).

Optar por brinquedos direcionados às meninas, segundo sua afirmação, não significa que a criança vai mudar sua opção sexual, mas existem meninos que naturalmente preferem brinquedos femininos. Essa afirmação contradiz a perspectiva de que a opção da criança pelo brinquedo não significa nada, na verdade ela indica que algumas crianças optam pelo brinquedo por se identificar com ele. Sendo assim, na opinião dela, existem situações em que o menino brincar com a boneca, não representa que será homossexual, mas tem alguns casos que, embora ocorram raramente, pode sim representar a opção sexual do menino.

Estas afirmações da *supervisora municipal de ensino* revelam que ela não tem domínio da forma como ocorre a preferência sexual da criança: considera que é natural ou, e ao mesmo tempo, que é uma construção cultural. Essa incerteza, possivelmente é propagada em reuniões pedagógicas com as diretoras e com os/as professores/as, visto que ela é uma autoridade na ordem hierárquica da Secretária.

A última entrevistada da série representando a Rede Municipal de Educação de Marília-SP, ocupa o cargo de *psicóloga*.

Esta profissional também disse que o fato de o homem utilizar camisa ou camiseta rosa, pode significar a quebra de um tabu.

Para ela brincar com diferentes brinquedos proporciona para a criança conhecer diferentes papéis e realidades. Quando um menino, por exemplo, está brincando com a boneca ele simplesmente pode estar representando o que acontece na casa dele, em

relação aos cuidados cuja responsabilidade pode ser do pai. Porém, culturalmente, os homens costumam não admitir o menino brincando com a boneca.

> Eu acho super natural, as crianças brincarem, tem meninas que gostam de brincar de carrinho, gostam de brincar de bola, brincadeiras mais expansivas que não gostam tanto de ficar presas às bonecas, isso não significa que elas tenham uma tendência ou uma orientação enfim, nem é o nome correto para estar se falando disso, uma orientação sexual do mesmo sexo.(PSICÓLOGA, 2013).

Certamente, quando os excessos se evidenciam a preocupação realmente é necessária, segundo comentou a *psicóloga*. Se a criança apresenta um comportamento relacionado somente ao gênero contrário do que se espera dela, essa ação pode representar que algo não está certo. Não se trata, segundo ela, de orientação sexual, mas pode ser que a criança tenha sido influenciada somente por um gênero. A esse respeito ela comentou, que

> [...] teve um caso quando eu entrei na rede um menino de dois aninhos que as brincadeiras dele eram totalmente femininas, então assim não que essa criança seria homossexual, mas será que não estava apresentado somente isso, tanto na família, como na escola, será que tinham apresentado para ela também outras brincadeiras não de ordem masculina, mas outras referências para ela, por exemplo, no caso desta criança ela tinha muito contato só com a figura feminina, então era normal ela estar externalizando. (PSICÓLOGA, 2013).

De acordo com sua argumentação, a criança precisa da influência dos dois gêneros, normalmente do pai e da mãe para que ela construa sua própria referência em relação ao gênero. Contudo, quando ela tem como referência apenas um modelo, como no caso da criança citada, seu comportamento destoa-se do que é considerado normal.

Sendo assim, avaliar que o comportamento da criança em relação ao gênero se refere somente à orientação sexual, pode significar um olhar limitado quanto às preferências sexuais.

1.3 O posicionamento de pesquisadores

O professor e pesquisador Paulo Rennes, que entrevistei para a realização dessa pesquisa, comentou que a escola reproduz o que a nossa cultura e a nossa sociedade como um todo pensam a respeito da masculinidade e da feminilidade. Assim, os pais

temem que seus filhos brinquem com brinquedos femininos, mas o contrário, ou seja, as meninas brincarem com brinquedos masculinos, é mais aceitável.

Embora o brinquedo seja considerado o parâmetro que utilizamos para avaliar as atitudes dos/as professores/as a respeito das construções culturais que envolvem as relações de gênero na escola, para ele, nossa preocupação deveria recair sobre as atitudes de reforço que os/as professores/as fazem sobre o sexismo que vem da família.

Para tentar a desconstrução desses estereótipos que a criança traz da família e que é reproduzido nas práticas pedagógicas, ele propõe o seguinte exemplo:

> Vai ter uma festinha na escola para as crianças, as professoras falam assim: os meninos que são fortes arrastem as cadeiras para deixar espaço, meninas, vamos varrer a sala, isso é uma reprodução da família, daí eu falo, por que a professora não faz o contrário e sem entrar na questão de gênero, mas, meninos vamos pegar as vassouras, vocês vão varrer, meninas vocês são tão fortes quanto os meninos vamos arrastar as cadeiras, são atitudes das professoras que vão desconstruindo essa idéia discriminatória. (RENNES, 2013).

Para esse pesquisador, as professoras e os professores reproduzem em sua prática pedagógica a educação sexista que receberam, e utilizam o modelo familiar para sustentar o que é próprio para cada gênero. Ao mesmo tempo, as relações familiares também podem justificar a escolha do menino em brincar com boneca, basta que as/os professoras/es saibam conduzir sua prática para um modelo não sexista. Ele explicou da seguinte forma:

> Os próprios professores estão fazendo a discriminação e muitas vezes o menino quer brincar com a boneca como o pai, *eu sou o pai*, talvez um pai mais colaborativo entende? Então tem muitas formas de trabalhar com a criança ensinando coisas que serão para o futuro delas, mas o que acontece não é isso, porque os professores reproduzem uma educação que tiveram. (RENNES, 2013).

A escolha de um modelo não sexista de educação possivelmente não é uma opção fácil para quem aprendeu desta forma e deixou-se ser conduzido pelas construções culturais pelas quais passou, e cada vez mais foi sendo reforçada. É realmente um trabalho de desconstrução e de reconstrução, uma escolha difícil, mas necessária.

A professora e pesquisadora Ana Cláudia Bortolozzi Maia também foi entrevistada. Ela mencionou a realização de sua pesquisa sobre a sexualidade infantil no

Centro de Convivência Infantil (CCI), creche ligada à Universidade. De acordo com o que pode observar em sua investigação, três aspectos interferem nas práticas das professoras: a formação profissional, a religião e o medo da reação dos pais.

Tratando-se da formação profissional, segundo a pesquisadora, as professoras não separam seus valores pessoais das suas práticas profissionais. Um exemplo é a questão da homossexualidade, pois quando uma criança age fora dos padrões heteronormativos ela é considerada gay e precisa ser consertada.

> [...] eu vou consertar meu aluno, ele é gay, ele não é gay, ele é gay, ele tem letra bonita e é muito bonzinho. Tá, aí eu falo para elas, e se ele for gay? Que não é o caso ainda, mas e se ele for? O que é que você vai fazer? Você vai colocar na lousa, olha este aqui é gay, ou você vai respeitar? (MAIA, 2013).

Ana Cláudia Bortolozzi Maia comentou que as professoras costumam orar com as crianças antes das refeições. Porém, segundo ela afirmou, a escola é laica e a religião é individual. Ela até mesmo propôs trabalhar a diversidade, para que as crianças pudessem conhecer outros costumes, mas tal proposta não foi aceita.

Quanto à formação profissional considerada por ela precária e ao medo da reação dos pais, mencionou um exemplo.

> Elas agem assim: a menininha faz fila pra passar esmalte, o menininho não, não você é menino não passa esmalte. Aí eu falo assim: por que ele não pode passar esmalte? Pra ver como é cheirar, sentir o cheiro, depois ele tira. Não o pai me mata. (MAIA, 2013).

Segundo a pesquisadora, as professoras têm medo da reação dos pais, porque não tem firmeza e nem estão convencidas do que realmente cabem à elas quando o assunto está relacionado a valores, escolhas, sexualidades. Ela exemplificou que no caso do pai questionar as professoras sobre algum conteúdo programático, elas explicam a importância do mesmo para o aprendizado da criança. Contudo, quando trata-se de papéis sexuais elas não entram em confronto com os pais por não sentirem-se seguras em relação a esse tema.

Para essa pesquisadora, o universo da educação infantil é muito rico e para conhecê-lo é preciso vivenciar o que está acontecendo lá, por exemplo:

> [...] será que é tão tranquilo uma professora chegar para o pai e falar: seu filho quis passar esmalte e eu deixei. Pode deixar que ele não vai ficar homossexual. Não é nem para pai, nem para professora, nem para sociedade. Eu também acho e falo que não é

> fácil, mas também não é impossível questionar e falar. (MAIA, 2013).

De acordo com as argumentações de Maia (2013), a desconstrução de estereótipos requer um trabalho constante de revisão das práticas pedagógicas e de um repensar permanente daquilo que se tem como certo. Não deixar-se ser *fabricada/o* pelas crenças e tabus que são reproduzidas também nos espaços escolares.

A esse respeito, a afirmação de Louro (2011) é pertinente. Segundo essa autora, precisamos estar atentos e nossos sentidos devem estar afiados para que sejamos capazes de ouvir e sentir as múltiplas formas de constituição de sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer escolar.

1.4 Práticas pedagógicas e o reforço sexista

As práticas sexistas são responsáveis por delimitar o que pertence ao menino e à menina, são baseadas em estereótipos e correspondem a um padrão heteronormativo que serve para moldar as crianças de acordo com o gênero a que pertencem (LOURO, 2011).

Essas práticas são reforçadas na instituição escolar através da divisão de atividades, na formação de filas e nas escolhas dos brinquedos. Quando as crianças escolhem brinquedos que não são recomendados para seu gênero, como quando os meninos brincam de boneca ou as meninas preferem brincar de carrinho, de acordo com Finco (2008) elas estão transgredindo.

De acordo com as entrevistas que realizei na educação infantil de Marília/SP, essa transgressão é encontrada nas escolas e é vista com preocupação pelos/as profissionais que ali estão.

Quando os meninos optam por brincar com bonecas a maioria dos/as entrevistado/as justifica suas escolhas pela representação ou figura de um *pai*. Uma figura familiar que protege e que representa a masculinidade, justamente o que os pais e mães querem ouvir. Já em relação às escolhas das meninas que eventualmente fujam do esperado, parece, segundo Paulo Rennes não ser objeto de tanta preocupação por parte dos pais.

Saber lidar com as transgressões verificadas no espaço escolar, sobretudo pelos meninos, parece ser um dos maiores desafios daqueles que lá trabalham. O que fazer?

Permitir a liberdade de escolhas por parte das crianças ou impor atividades e o uso de brinquedos conforme o gênero? Perpetuar práticas sexistas realmente serve para garantir que a opção sexual da criança seja de acordo com os parâmetros heterossexuais?

Eles e elas parecem não saber a resposta, mas continuam sua jornada, limitando as escolhas e tentando *consertar* suas crianças. Enquanto os pais exigem respostas, que eles e elas não sabem dar, os/as professores/as apenas reproduzem o que lhes parece adequado, para tranquilizá-los, para que saibam que a escola fez o posssível, frente ao que conhece em relação às escolhas de seus filhos/as.

Assim, propostas de desconstruções exigem uma nova visão das relações de gênero. Não basta inverter as posições de poder existentes, mas é preciso questionar o quanto as práticas sexistas limitam e binarizam os papéis sexuais. Reconhecer que elas podem ser perigosas e enrijecer identidades, pode ser o primeiro passo para a mudança.

Como afirma Finco (2003), relacionar gênero e infância permite que possamos enxergar as múltiplas formas de ser menino e de ser menina que as categorizações não nos deixam ver. Nesse sentido, proporcionaremos a esses meninos e a essas meninas a possibilidade de serem eles mesmos e percorrerem novos caminhos vivenciando a infância na sua inteireza, em sua plenitude.

Há que se considerar que é na educação infantil o primeiro espaço em que as crianças recebem uma educação formal e tem a oportunidade de conviverem com um número maior de pessoas, diferentemente da realidade encontrada no espaço doméstico. Também é significativa a importância desta faixa etária para a construção de valores, crenças e desenvolvimento de comportamentos. A educação infantil é, por excelência, o espaço que contribuirá de forma efetiva para que a criança construa sua identidade no contato com o outro.

Dessa forma, a atuação dos educadores nesta instituição escolar deveria primar pelo trabalho voltado para a construção de seres humanos que, quando adultos, reconhecessem no outro a sua própria humanidade.

Práticas sexistas na educação e socialização de crianças pequenas contribuem para que a ordem de poder existente em nossa sociedade seja reproduzida e perpetuada ao longo do tempo.

No entanto trabalhar em sentido contrário requer uma formação que vai além daquela que os profissionais recebem em seus cursos profissionalizantes. Trata-se da necessidade de formar pessoas que sejam capazes de questionar o *status quo* existente,

de transformar o familiar em exótico, em algo a ser revisto, redescoberto. Tarefa deveras difícil quando o assunto refere-se a valores e crenças construídas historicamente e que são, por isso mesmo, culturais.

As práticas sexistas na sociedade brasileira são vistas como resultado de uma formação histórica e cultural pautada em uma sociedade patriarcal e machista. Por essa razão, tais práticas são concebidas como naturais pela maior parte das pessoas. Neste modelo de sociedade há uma definição clara dos papéis e responsabilidades que cabem ao homem e à mulher.

Apesar das mudanças verificadas ao longo do tempo como resultado de necessidades econômicas, lutas e militância de grupos organizados, políticas públicas, trabalhos acadêmicos que norteiam tais políticas, iniciativas inovadoras de educadores, entre outras ações que, de certa forma, em algum momento transgrediram o estabelecido com o desejo de criar o novo, o que se verifica na nossa sociedade é a permanência de valores e práticas sexistas, embora, em alguns casos elas sejam transvestidas de um novo discurso.

Vale relembrar as argumentações de educadores entrevistados que justificam o brincar com boneca por parte do menino como uma forma de proporcionar ao mesmo o exercício de um pai amoroso, carinhoso. Ou seja, nos dias atuais, os homens podem até cuidar de crianças, mas isso não deve comprometer sua masculinidade.

Podemos supor que o fato de pais e educadores preocuparem-se mais com as transgressões de meninos nas suas escolhas do que de meninas resida na nossa herança histórica e cultural pautada no modelo de família patriarcal. Teme-se, sobremaneira, que haja o que consideram um "desvio" na orientação sexual. Ou seja, a menina pode até ter trejeitos vistos como não muito femininos, mas, aos olhos da sociedade, continuará sendo uma mulher, sujeita a toda ordem de tarefas designadas para o seu gênero. Parece que a "transgressão" por parte dela não ameaça a ordem vigente. Já o contrário, depõe contra toda uma categoria que se vê ameaçada em termos de poder.

Tais valores estão tão arraigados na sociedade brasileira a ponto de encontrarmos muitas mulheres, algumas delas com formação universitária, que ainda declaram em público que trabalham para "ajudar" no orçamento doméstico. Os homens que desempenham tarefas domésticas são valorizados como aquele que "ajuda" a esposa ou companheira. Ou seja, mesmo tendo práticas aparentemente inovadoras, na essência permanecem explicações e justificativas machistas e sexistas.

As falas de nossos entrevistados revelam que por trás das cortinas, o cenário sofreu poucas alterações.

No entanto, reconhecer o problema é o primeiro passo para solucioná-lo e espero poder contribuir através dessa pesquisa para que isso aconteça.

CAPÍTULO 2 – Relações de Gênero Na Escola: Educadoras/es buscando seus lugares

Acostumadas/os com o poder das práticas pedagógicas para manter meninos e meninas em seus devidos lugares, seguindo a lógica da heteronormatividade, educadores utilizam os mecanismos possíveis para corresponder às expectativas sociais, como no caso do direcionamento dos brinquedos e atividades pedagógicas, conforme tratado no capítulo anterior.

Para que esses mecanismos sejam válidos, professores e professoras também passam pelos mesmos delineamentos no que se referem aos padrões heterossexuais, isto é, eles também são *fabricados* todos os dias (LOURO, 2011).

Essa constante fabricação conta com os estereótipos para definir papéis sexuais opostos para cada um dos gêneros e, ao passo que justificam a presença da mulher na educação infantil, também justificam a ausência dos homens.

> Não se pode [...] perder de vista a eficácia do estereótipo construído e/ou mantido pelas diversas instâncias de representações simbólicas da sociedade, através de seus produtos e veículos: mitos, narrativas, slogans, ideais, caricaturas etc. Todo este conjunto de elementos simbólicos auxilia na modelação da própria "face social", constituindo indivíduos à sua imagem e semelhança para que eles possam reproduzir a própria sociedade que os fabrica. (OLIVEIRA, 1998).

De acordo com Oliveira (1998), os estereótipos são utilizados para definir identidades de homens e mulheres e eles podem agir de forma sutil, como no uso da *linguagem*, por exemplo – a qual, segundo Louro (2012), é uma ferramenta eficaz para sobrepor um gênero ao outro –, ou até mesmo de forma mais pontual como na constituição dos *corpos* que apesar de abrigarem uma identidade, se deixam modelar em busca de uma ideia de perfeição proposta pela sociedade de consumo.

De acordo com a afirmação de Sabat (2011, p. 149), a "[...] educação compreendida de maneira ampla, é um dos processos mais eficientes na constituição das identidades de gênero e sexual.". A educação incorporada nas práticas pedagógicas pode contribuir para a padronização de corpos e mentes de acordo com as regras sociais que definem como devem agir homens e mulheres para serem aceitos nessa lógica.

Carvalho (1999, p.71) argumenta que

> [...] quanto mais a escola primária é pensada como instância formadora de vontades, em que a transmissão de saberes se subordina a um desenvolvimento harmonioso de personalidades integrais, através de uma disciplina obtida pela persuasão e o amor, mais do que pela razão e a autoridade; quanto mais o trabalho docente com crianças é idealizado como não-intelectual, enfatizando suas dimensões relacional e afetiva, mais se aproximam as imagens da escola primária e seu trabalho docente das características tidas como femininas.

Contudo, os homens escolheram estar nesse nível de ensino, mesmo sabendo que essa decisão não condiz com o que se espera deles e que enfrentarão vários questionamentos quanto a sua preferência sexual, até que suas qualidades como professores falem por si só.

Simultaneamente, eles estão tentando ocupar um espaço em um local onde os papéis se invertem e são as mulheres quem regem as relações de gênero. São elas que os aceitarão ou não. O fato de esse ambiente estar cercado por mulheres também não é por acaso, significa que nele pode haver muitas similaridades com os espaços domésticos e a formação acadêmica é utilizada e exigida como prova de que elas estão preparadas para desempenhar as funções que se espera delas. Mas será que estão?

As professoras tem como referência para desenvolver seu trabalho na educação infantil as habilidades que utilizam no espaço doméstico, sobretudo os seus atributos de mãe/ tia. Cabe relembrar que o debate entre o cuidar e o educar neste nível de ensino não se esgotou, e as questões dos cuidados estão arraigadas no imaginário coletivo, pois fazem parte da nossa cultura. Mas, e os homens? Fazem uso de quais referenciais? Será que é nas suas qualidades de pai/tio?

A partir desses questionamentos o objetivo deste capítulo é o de apresentar como são vivenciadas as relações de gênero nas duas escolas de educação infantil de Marília nas quais desenvolvi essa pesquisa. Além dos professores, e das diretoras, entrevistei a psicóloga e a supervisora de educação da Rede Municipal de Ensino, a fim de apreender como os homens enfrentam o peso dos olhares em relação à sua capacidade profissional e masculinidade e verificar se existe temor por parte da comunidade escolar em relação a um possível abuso sexual e, caso exista, como o mesmo altera ou não as práticas pedagógicas desses educadores.

2.1. Relações de gênero na escola: educadores falam o que pensam

A partir das entrevistas foi possível perceber o quanto os estereótipos são utilizados como tentativa de provar que as professoras são mais capazes que os professores para exercer a mesma função. A eterna luta pelo poder e os valores arraigados em suas mentes faz com que elas os descrevam sempre como suspeitos de abuso. Essas suspeitas, presentes na sociedade como um todo, parecem assustar as famílias e os desencorajam cada vez mais de relacionarem-se com as crianças. Sem contar que suas práticas, pedagógicas ou não, são vigiadas e temas como a sexualidade são ignorados para que não cause nenhum mal entendido.

De acordo com Felipe (2006) a incerteza do perfil do pedófilo faz com que qualquer homem que se aproxime de uma criança represente uma ameaça. A mulher não é considerada como suspeita, afinal a possibilidade de ser mãe a define como incapaz de fazer mal a uma criança.

Essas incertezas quanto ao comportamento do professor em relação à criança tornam-se ainda mais presentes, devido a uma denúncia de abuso sexual que ocorreu recentemente na cidade de Marília-SP. Um estagiário que atuava na educação infantil tinha, dentre outras funções, a de cuidar da higiene das crianças. Ocorre que quando outras funcionárias estavam cumprindo essa mesma função perceberam que uma das crianças apresentava assaduras na região genital e informaram a direção da escola.

Quando essa denúncia foi realizada, a diretora da *escola A* estava trabalhando na Secretaria da Educação. Ela conta que sua participação no episódio auxiliando o estagiário e a comunidade escolar foram essenciais para evitar maiores sofrimentos para todos os envolvidos:

> [...] eu acho que nós da Secretaria tivemos uma intervenção rápida por parte da Secretaria, conselho Tutelar, eu mesmo tive que tomar uma atitude de tirar o funcionário da escola no mesmo dia e dar esse apoio e para os professores foi e tem que ter, viu? Porque quando você menos espera acontece e é um sofrimento para escola, para toda a equipe e até hoje nós não temos certeza de nada. (DIRETORA, 2013).

Dessa forma, Marília-SP ainda convive com a incerteza sobre o que realmente aconteceu. A presença de um homem naquele momento, naquele espaço escolar, fez com que pairasse a dúvida. O medo de realmente acontecer um abuso faz com que a

presença do homem na educação infantil represente uma ameaça e esse medo circula no discurso das entrevistadas e limita as ações desses profissionais.

As percepções que os educadores das escolas selecionadas para a pesquisa tem sobre as relações de gênero, são reveladoras de uma série de conflitos vivenciados cotidianamente, seja de forma coletiva ou individual, como se verá a partir das vozes de cada um deles.

Iniciamos nossa análise com a *diretora* da escola A, que afirma que exercer sua função requer uma visão ampla da escola, não apenas das questões pedagógicas ou administrativas, mas do todo, o que envolve até mesmo compreender o que a comunidade precisa. Ela descreve sua relação com as famílias como boa, mas admite que ainda existe uma distância entre elas.

> [...] eu ainda percebo que eles têm essa visão *Diretora* eu não sei se eles trazem isso da infância, ou se é um cargo muito assim, então até já teve casos das mães brincarem assim: Nossa! A diretora fala com a gente!(DIRETORA, 2013).

Ela comenta que tenta compreender como é a vida de cada um e entende que a vida das mães não é fácil, pois além de trabalharem o dia todo, chegam cansadas e precisam fazer o serviço de casa. Mas, mesmo assim, ela procura ser firme e exige que as regras sejam seguidas dentro da escola, pois são fundamentais para o bom funcionamento da mesma.

Para a *diretora*, ser mãe não é requisito para ser professora, porque considera que antes de ser mãe era uma ótima professora, ela não sabe se a maternidade está atrelada ao biológico de algumas mulheres, mas a condição de mãe da professora da educação infantil lhe fornece um suporte para a sua prática pedagógica.

Percebe-se um binarismo na descrição que ela faz de sua atuação nesse cargo em comparação a um homem. Por exemplo,

> [...] se for um homem, tem que estar integrado com a comunidade, tem que ser participativo, tem que ser carinhoso com as crianças, tem que ser firme quando tem que ser, com os funcionários também a mesma coisa, o diretor talvez ainda imponha mais, não vou dizer respeito, porque eu não me sinto desrespeitada, uma autoridade maior, mas em compensação a mulher tem uma visão mais ampla, ela tem a visão da merenda, eu acho que faz parte da nossa criação ainda, a gente traz isso, eu acho difícil os diretores que eu conheço falarem assim "Hoje não veio o material para a merenda você substitui por tal". (DIRETORA, 2013).

Ao descrever sua atuação como *diretora* ela demonstrou que embora reconheça que ocupa um cargo de poder, também possui outras habilidades que a qualificam para além das exigências do cargo. Não se sente desrespeitada por ser mulher mantendo, portanto, sua autoridade e, ao mesmo tempo, enfatiza as vantagens de pertencer a esse gênero já que o mesmo a prepara para tarefas que, culturalmente são vistas como são inerentes às mulheres, como por exemplo, o cuidado com a merenda.

Ao mencionar para a *diretora* a temática das relações de gênero ela me perguntou se poderia ser bem abrangente em sua resposta e disse que não via diferença entre homens e mulheres. Comentou o exemplo da convivência dos próprios pais, citando as decisões que partiam de seu pai e que sua mãe apenas acatava. Em sua avaliação, ela, a irmã e o irmão não foram criados de modo semelhante ao seu pai, assim ela considera que não há muita diferença entre homens e mulheres hoje em dia. Possivelmente, por ser uma mulher bem sucedida não percebe o quanto as construções sexuais são distintas em relação às mulheres. Além disso, ela apresentou seu posicionamento sobre o relacionamento entre homossexuais,

> [...] se você me perguntar se a união entre casais gays, eu acho legal, porque se a pessoa ama outra pessoa do mesmo sexo, o que tem de mais? E eu acho que não é a Igreja, a sociedade que vai impor, desde que tenha respeito, que não seja uma coisa promíscua, porque promiscuidade não é bom em situação nenhuma eu acho, mas se for por amor eu acho que está certo. Não é o meu ideal, não é o que eu gosto, mas se as pessoas são felizes assim. (DIRETORA, 2013).

Ela evidencia que esse relacionamento não corresponde ao que considera ideal, mas não há como ignorar sua existência, mesmo porque para ela trata-se de amor. Esse comportamento justifica-se, porque, para ela, estar dentro dos padrões heteronormativos significa estar dentro do que considera correto, mesmo assim não rejeita o *diferente* e o tolera.

A tolerância, para Louro (2012, p. 48), "[...] se liga, contudo à condescendência, à permissão – atitudes que são exercidas, quase sempre, por aquele ou aquela que se percebe superior.".

A respeito de um homem participar dos cuidados da criança, a *diretora* comentou sobre o cargo de "Auxiliar de desenvolvimento escolar". Para ela, esse cargo deveria ser recomendado apenas para mulheres, porque requer a participação profissional em relação aos cuidados pessoais com a criança, como a higiene, ou seja, trocar fralda, dar

banho, dar remédio e qualquer outra atividade que esteja ligada à higiene da criança, e a comunidade não aceita que um homem tenha atribuições como essas. Ela afirma, também, que esse tipo de atuação por parte do homem dificilmente é aceita pelas escolas municipais da cidade.

Prova disso, segundo a *diretora,* foi quando a Secretaria enviou um homem para uma escola a fim de ocupar o cargo de "Auxiliar de desenvolvimento escolar" e a instituição atribuiu a ele outras funções. Ela explica,

> [...] esse ano nós não temos nenhum homem fazendo este trabalho aqui na escola, mas o ano passado tinha e na verdade ele não trocava então ele ficava mais no lanche, ele acompanhava a professora com a turma quando necessário, ele acompanhava a criança no transporte escolar, mas essa parte da higiene pessoal, ele não cuidava [...]. (DIRETORA, 2013).

Assim, utilizando o exemplo de "Auxiliar de desenvolvimento escolar", a *diretora* concluiu que nem todas as tarefas podem ser realizadas por homens. Dessa forma, quando soube que um deles teria sido escolhido para a escola na qual ela exercia o cargo de diretora, ela confessa que sentiu-se preocupada com a aceitação ou não por parte da comunidade. Contudo, as mães e pais aceitaram a presença dele e os alunos também não demonstraram nenhum questionamento, o que para ela foi inesperado.

Sua preocupação, a respeito da presença de um homem no espaço escolar, está relacionada à atitude do professor em relação a, por exemplo, acompanhar a criança ao banheiro.

A esse respeito ela justifica, e afirma

> [...] a professora, quando a criança vai ao banheiro, ela vai se lavar se limpar, a professora entra toda hora naquele banheiro. O fulano foi no banheiro e não voltou, ela entra no banheiro, ela pergunta não conseguiu se limpar? Eu acho que o professor já não pode fazer isso, eu tenho uma visão assim, que pode causar constrangimento na criança, nos pais, nos funcionários que estão vendo, então quando acontece alguma coisa desse tipo ele solicita ajuda da funcionária. (DIRETORA, 2013).

Ela, mais do que ninguém, revela desconfiança quanto à participação do homem na higiene das crianças. Afinal de contas, ela auxiliou a escola a recuperar a confiança da comunidade no caso da denúncia contra o estagiário. Sendo assim, ela prefere estar de sobreaviso para que a situação não se repita.

Quando a questionei sobre a atuação do professor, ela demonstrou que está atenta à sua prática, o que é comprovado em sua descrição.

> Ele é muito dinâmico, ele planeja muito bem as aulas, muito caprichoso, e o que a gente tem só é um senão que a gente tem orientado ele ultimamente. Ele, às vezes tem que ser mais rígido com as regras, com as crianças, ele talvez com medo de não conquistar a turma ele foi ficando muito permissivo, assim, mas, agora ele está conseguindo recuperar isso. Essa permissividade estava até atrapalhando um pouco toda a dinâmica, porque todo dia ele está com um chapéu diferente, ele vem dar aula de máscara para chamar a atenção das crianças e aí sem chamar a atenção e sem ficar bravo na hora certa a criança entende como "eu posso tudo", sabe meu professor é muito brincalhão ele deixa fazer tudo e não tem regra, então agora ele está tendo que recuperar isso, mas ele já entendeu que com limite é melhor. (DIRETORA, 2013).

Tratando-se das relações de gênero que são vivenciadas nessa escola, a situação dessa *diretora* destoa das demais professoras, pois além de ocupar um cargo de poder e ter, como ela mesma afirmou, uma visão ampla da escola, é ela quem define normas e parâmetros para o *professor L*, ou seja, ela ocupa uma posição privilegiada frente às relações de gênero.

Já em relação à professora da escola A, quando questionada sobre as questões de gênero, demonstrou não compreender do que se tratava. Exemplifiquei para ela, relacionando a divisão sexista entre os brinquedos indicados para meninos e meninas e a formação de filas.

Para ela, a mulher tem um olhar aguçado no que se refere ao tratamento das crianças, talvez em decorrência da capacidade de ser mãe. Contou-me que prefere trabalhar com o berçário e que quando a Diretora começa a pensar sobre a distribuição de turmas, ela inicia sua campanha para ser a professora do berçário, porque lá ela sente-se realizada. Ela compreende que a separação da criança em relação à mãe é dolorosa, então faz questão de acolher com todo carinho as crianças quando chegam.

Em relação às diferenças das profissões a partir dos gêneros, a *professora* comentou que anteriormente pensava que poderiam existir profissões específicas para homens e para mulheres, mas mudou sua opinião. Para ela, qualquer pessoa é capaz de se adaptar a determinadas funções de acordo com a necessidade. Um exemplo mencionado por ela refere-se à incapacidade do próprio pai para cuidar do sítio da família, o que a levou a assumir o lugar do mesmo nesse cuidado.

No que tange aos papéis sexuais, na opinião dela, a mulher tem maior carisma com a criança por ter a capacidade de ser mãe e de amamentar, o que faz com que a mesma consiga compreender as necessidades da criança.

Esse pensamento se confirma quando descreve as atividades diárias que desenvolve com sua turma de berçário. Comenta que quando as crianças chegam, ela as acolhe e pega cada uma no colo, tratando-as com bastante carinho, buscando ressaltar o vínculo maternal que quer desenvolver com as crianças.

Também revelou que quando as atendentes precisam de ajuda com o banho das crianças, não se importa em cooperar. Atitude, segundo ela, que não se poderia esperar do homem como professor, pois ele precisa da ajuda das atendentes em situações que envolvam os cuidados das crianças. Por exemplo, quando uma criança vai ao banheiro e demora a voltar ele não pode simplesmente entrar no banheiro para saber o que está acontecendo, é necessário que ele chame uma atendente para fazer isso.

Na mesma linha de questionamentos, entrevistei a coordenadora pedagógica da escola B que contou que apesar de exercer uma atividade complexa, ela a considera muito prazerosa, por isso, sente-se realizada nesta função.

> [...] é a coisa que eu gosto de fazer, amo de paixão não me vejo fazendo outra coisa e essa função de coordenadora é assim muito gostosa, é difícil, mas é gostosa, mas é boa também porque você consegue chegar na professora e orientar: olha é por aqui, o que você acha? e também aprender muito com ela porque apesar desse tempo muita coisa mudou, a criança é outra. (COORDENADORA, 2013, grifo meu).

De acordo com essa profissional, atuar como coordenadora lhe possibilita estar envolvida na escola, auxiliando a professora a preparar as atividades e também acompanhar o desenvolvimento das crianças; no entanto, também lhe confere um cargo de poder.

Ao falar sobre o desenvolvimento da criança e o trabalho que busca exercer para que as necessidades das crianças sejam contempladas, ela utiliza afetividade para justificar a eficiência dela e de sua equipe e afirma:

> [...] o que a gente percebe é que aqui tem muito como base essa parte do respeito, o respeito pela criança e o lado da afetividade, então eu penso assim, se você vê que não serve para isso então não dá certo procura outra coisa. Para lidar com o ser humano, você tem que ter esse olhar para o outro, compreender as dificuldades do outro e com a criança. Gente a criança é um ser que tá ali, ele é tão sincero com você, ele está esperando, então quando você se entrega para ele também é muito gratificante. (COORDENADORA, 2013).

Contou-me que a escola recebeu um material do MEC indicado para o Ensino Fundamental, cujo conteúdo é muito rico, na sua opinião. São livros e jogos que acompanham as histórias contadas nos livros e uma das histórias que uma das professoras iria trabalhar com as crianças era a *Casa sonolenta*. Interessada em acompanhar a aula, a *coordenadora* relatou que pediu autorização da professora e participou da mesma. Disse que a partir da história a professora enfatizou a diferenciação do *um* e do *uma* comparando com o menino e a menina. Segundo ela, a professora teve a sensibilidade de perceber que era hora das crianças aprenderem a diferenciação do gênero e elas compreenderam de uma forma prazerosa sem que esse assunto precisasse se tornar metódico.

Quando questionei a *coordenadora* sobre um homem ocupar essa mesma função, ela fez referência à atuação do professor que eu entrevistei para a pesquisa que realizei em nível de mestrado, conforme já mencionei anteriormente. Ela o elogiou bastante e afirmou que não há nada que possa desmerecê-lo enquanto profissional.

Com relação à atuação do homem e da mulher, para essa *coordenadora,* a

> [...] mulher talvez já tenha essa coisa inata, não sei posso estar enganada, mas falando profissionalmente eu digo que não, porque nós tivemos aqui professor homem e ele foi assim divino, excelente profissional, ele teve na sala dele uma criança com necessidades especiais, e só ele conseguiu conquistar essa criança, ele teve uma afetividade muito grande com essa criança, a turma ficou muito próxima dele. Agora a questão não é o fato de ele ser homem, poderia ter tido aí uma professora. A questão é como ele chegou com essa criança, então eu acho que poderia ser homem ou uma mulher, mas eu digo que como homem ele realizou um excelente trabalho. (COORDENADORA, 2013).

Seu posicionamento foi mais no sentido de exaltar as qualidades desse homem como professor. Segundo afirmou, poderia ser uma mulher, mas foi um homem que realizou perfeitamente sua função. Por ser homem, ele realizou um excelente trabalho, ou seja, apesar de ser homem ele cumpriu com louvor seu trabalho.

Ela mencionou também a necessidade de se relacionar com as crianças e falou sobre um estagiário que trabalhou com ela

> [...] ele era meu estagiário numa classe de criancinhas do maternal I, bebês que além da parte da aprendizagem toda, a parte do cuidar, do carinho e ele cuidava. Assim ele pegava no colo, dava mamadeira, ele criava vínculo com as crianças e depois me ajudava muito na parte da aprendizagem também porque com os pequenos

> você tem que ter essa parte também e se um homem escolhe essa profissão, ser professor, principalmente da Educação Infantil ele tem que saber que também tem esse lado do cuidar da afetividade, né? Do acolher mesmo a criança para depois conseguir desenvolver as outras coisas, e a criança pequena ela tem muito disso, se você não conquistar você não consegue as outras coisas. (COORDENADORA, 2013).

No entanto, a relação do homem com a higiene da criança ainda é, para ela, um problema difícil de solucionar. Ela, assim como a *diretora* da escola A, comentou que as responsáveis pela higiene das crianças são as/os Auxiliares de desenvolvimento infantil (ADES) e, no caso de um homem passar no Concurso e escolher a escola, a comunidade não aceita que ele cumpra suas funções. Na escola, ele é remanejado para acompanhar as crianças na hora do lanche, cuidar da escola, ou seja, outras funções que não se relacionem diretamente com as crianças.

A esse respeito, ela afirmou:

> [...] não sei se essa atitude é correta ou não, mas eu gostaria que se eu tivesse na pré-escola uma mulher cuidasse dele nessa parte de troca da higiene e tal, apesar de eu ter o meu marido e ele ter cuidado do nosso filho, mas é uma coisa diferente, não é? Então, eu não sei, acho que a gente tem que evoluir muito ainda nessa parte. (COORDENADORA, 2013).

Já a *vice-diretora* da escola B comentou que escolheu o curso de Pedagogia devido ao apreço pela liderança que ela considera advir da profissão. Perguntei se quando decidiu por essa profissão almejava o cargo que ocupa atualmente, a resposta foi que optou por cursar Pedagogia com o intuito de ensinar, de estar próxima de crianças e de poder participar de seu aprendizado e de seu desenvolvimento como cidadão.

> [...] quando eu fiz Pedagogia ela ainda era dividida por habilitações e eu não escolhi Administração Escolar porque eu queria essa coisa mais perto do aluno, diretamente com o aluno, mas a vida foi caminhando para um lado que me trouxe essa oportunidade então hoje, eu digo assim que é uma experiência nova e que eu tenho gostado [...]. (VICE-DIRETORA, 2013).

Questionei a *vice-diretora* sobre o que achava ser requisito para exercer seu cargo e ela respondeu que considerava ser a vontade de crescer, de conhecer o novo, de fazer o melhor tanto para ela quanto para seus superiores.

No caso de ser um homem atuando nesse mesmo cargo, na opinião dela, teria que ter mais desenvoltura, mas teria o mesmo sucesso e daria conta tranquilamente. Ela comentou que já trabalhou no SESI, com homens como diretores e coordenadores e eles desenvolviam muito bem sua função.

Segundo suas declarações, um dos pontos mais difíceis do trabalho refere-se ao relacionamento com a comunidade, pois, segundo ela, às vezes alguns pais não conhecem a realidade da escola, mas exigem e demandam situações e ações específicas.

> [...] quando o pai chega na escola ele não conhece a realidade da escola, o dia-a-dia, ele traz o filho, mas ele não convive aqui dentro com a gente, então ele não sabe o dia-a-dia do desenvolver, do desenrolar do nosso dia, então às vezes ele vem com alguma questão ou contradição, ou entende de forma diferente do que aconteceu um fato. Até hoje, eu consegui ter um *jogo de cintura,* entender os pais, entender que isso é natural, porque eles não estão aqui para conviver, então eu procuro informar os pais, a gente procura ser transparente com os pais [...]. (VICE-DIRETORA, 2013).

Sobre o fato de ter um professor homem atuando na educação infantil, ela justificou sua importância pela carência das crianças em ter uma figura paterna. Ela mostrou-se simpática à atuação de homens como professores. Comentou que já tiveram professores trabalhando na escola e até outros amigos que também trabalham na educação e que eles têm todo o comprometimento necessário. Entretanto, segundo relata, o bairro que a escola está situada possui um nível-sócio econômico muito baixo e isso acarreta, no seu entendimento, muitos problemas estruturais, como por exemplo, a ausência dos pais por motivo de separação ou por outros problemas o que faz com que as crianças busquem no professor a figura do pai.

> [...] a maioria deles, então vêm no professor a referência masculina, que às vezes falta em casa, e às vezes transfere para alguma coisa. Às vezes ele se via como pai das crianças, as crianças o tratavam como pai, então há mesmo uma carência afetiva, não é? (VICE-DIRETORA, 2013).

Além dessa questão sobre a carência das crianças em buscar uma figura masculina para ocupar um espaço vazio que deveria ser ocupado pelo pai, a *vice-diretora* também discorreu a respeito da incompreensão social sobre o fato de um homem manifestar carinho pelas crianças.

Ela esclarece que do seu ponto de vista é uma situação complexa que exige deles certa maestria para agir, porque, muitas vezes, a sociedade não compreende que um

homem pode abraçar uma criança e esta atitude fazer parte de sua função como professor, que acolhe. Há sempre o princípio da dúvida das reais intenções desse profissional.

Para ela, homens e mulheres podem atuar com o mesmo sucesso, mas têm diferentes habilidades.

> Eu acho que a mulher é mais emoção, então eu acho que ela consegue enxergar uma situação ou de um aluno que está com problemas ou de uma família que está preocupada com algo que está acontecendo com seu filho. Eu acho que a gente consegue ter uma visão acolhedora talvez, não sei se esta seria a palavra certa, eu acho que o homem é mais prático, então isso talvez possa tornar distante desse aconchego, desse pegar no colo. Talvez isso não permita pelo fato de ele ser mais razão, mais prático, então eu acho que é uma visão diferenciada, ele pode exercer uma função de professor, de coordenador, qualquer uma que seja, mas eu acho que é um diferencial para a mulher, a gente consegue entender de uma maneira diferente dos homens, eu penso. (VICE-DIRETORA, 2013).

A *vice-diretora* explica por meio de estereótipos a diferença de atuação entre homens e mulheres: **elas** compreendem os problemas das crianças, **elas** são dotadas de emoção; e **eles**, por serem práticos, têm habilidades diferentes das delas.

A professora da escola B, também entrevistada por mim, argumenta que o homem tem capacidade, assim como a mulher. Revelou que no ano anterior tiveram um professor que foi responsável por cuidar de bebês e ele conseguiu desempenhar sua atividade.

> No entanto, a questão de ir ao banheiro que é uma questão mais delicada, porque têm as meninas e tal, ele deu conta super bem e tranquilo, ele também já tem uma vasta experiência nessa parte porque ele é casado. (PROFESSORA B, 2013).

Do ponto de vista da professora, ser pai/marido é uma condição que pode auxiliar o homem/professor a lidar com as crianças desde que ele seja participativo e ajude sua esposa em todas as situações de higiene, cuidados e atenção para com as necessidades da criança, mas também pode significar que ele apenas participe de algumas atividades com a criança que não se relacionem especificamente aos cuidados. Conclui afirmando que ser pai não se constitui necessariamente em um atributo para lidar com tarefas relativas aos cuidados da criança. Mas pode favorecer um olhar diferente para os problemas vivenciados por elas.

Questionada sobre a possibilidade de homens e mulheres terem percepções diferenciadas em relação à criança ela respondeu que em sua opinião se, elas têm um olhar materno eles também têm o paterno o que importa é a atuação deles em relação às crianças". (PROFESSORA DA ESCOLA B).

Ao entrevistar a *supervisora* da Rede Municipal de Ensino, fui informada por ela que embora tenha trabalhado na escola como diretora por vinte anos, nunca teve um homem como professor em sua escola. Ela comenta que se tivesse tido um, o teria apresentado aos pais e mães na primeira reunião do ano.

> Eu acho que é de extrema importância os pais conhecerem o professor da turma assim como um processo natural, como um processo natural, como um profissional de direito, que prestou concurso, que teve o direito de ingressar, que estudou e fez a pedagogia, a formação que ele tenha e eu acho que cabe ao professor sendo homem ou mulher passar aos pais uma segurança, trabalhar corretamente dentro daquilo que é preconizado dentro da profissão, como um profissional igual a todos, eu penso assim. (SUPERVISORA, 2013).

Perguntei a ela qual seria seu posicionamento no caso de um professor homossexual passar no concurso e ser enviado à escola. Respondeu-me que enquanto foi diretora não vivenciou tal situação, mas já teve a oportunidade de trabalhar com um estagiário com essa opção sexual. Ela comenta sobre sua experiência.

> Eu vivi isso com um estagiário e não tive nenhum problema, pelo contrário. E as crianças o amavam, também, ele ficava junto com a professora, porque você sabe que estagiário é sempre supervisionado pela professora, é colocado na lei e eu acredito que uma diretora de escola tem que encarar isso como um processo natural do direito de sexualidade do indivíduo, de cada pessoa que tenha maneiras, então eu não vejo isso, eu não tenho preconceito algum contra a sexualidade de cada pessoa. (SUPERVISORA, 2013).

Pergunto a ela quanto à higiene, devido ao fato de que as demais entrevistadas comentaram sobre essa prática representar um problema em relação ao homem. Ela afirmou que a higiene sempre foi responsabilidade das atendentes, nem professoras ou professores têm essa atribuição. Explica como deve ser a participação do professor ou professora quando a turma está tomando banho.

> O professor conduz os alunos ao banho, ele fica ali cantando porque é sempre gradativo, geralmente são três ou quatro alunos, o professor fica ali na proximidade perto da sala de banho e ele canta

> e conta uma história, ele fica envolvido com os alunos, e isso é uma atribuição específica do auxiliar de desenvolvimento escolar e auxiliar de serviços gerais, um desses dois e com o auxílio do professor, como a escovação dos dentes também, não só o banho. (SUPERVISORA, 2013).

De acordo com sua afirmação, a participação do/a professor/a é de apenas acompanhar a turma. De mantê-la ocupada enquanto as demais crianças estão no banho, mas a intimidade da criança é mantida em sigilo apenas sob a responsabilidade de quem tem a autorização; neste caso a auxiliar de desenvolvimento escolar ou as auxiliares de serviços gerais.

Ao entrevistar a *psicóloga* da Rede Municipal de Ensino, pedi para que expusesse sua opinião sobre o grande número de mulheres trabalhando como professoras na educação infantil, ela afirmou que nunca tinha pensado sobre isso.

> Acredito mesmo que a história cultural mesmo dos cuidados com as crianças ser mais dirigido para as mulheres e não tanto para os homens e aí mesmo com essa mudança de postura até hoje nas relações familiares por conta do mercado de trabalho, não tendo mais essa separação aí dos serviços, a gente vê mulheres fazendo serviços que antes eram mais voltados para a área masculina, então acho que gradativamente você vê uns gatos pingados por aí nessa área, acredito que isso tende a aumentar. (PSICÓLOGA, 2013).

A esse respeito, as afirmações de Louro (2012) são pertinentes. Segundo essa autora, as relações familiares têm mostrado que os papéis sexuais podem mudar de acordo com a necessidade. As mulheres têm demonstrado sua capacidade de assumir diversas funções que anteriormente pertenciam aos homens, como trabalhar fora e dentro de casa, ou seja, nesse movimento prova-se que as identidades têm que ser fluidas para que elas alcancem seus objetivos.

No entanto, como assumir que as identidades são fluidas e que precisamos delas para lidar cotidianamente com dificuldades quando se é tão vigiado como um homem na função de professor?

Nesse sentido, a *psicóloga* considera que seja necessária uma preparação da escola em relação ao homem que vai atuar com crianças pequenas em sala de aula. Argumenta:

> Eu acho que a escola deve colocar algumas coisas para o professor, não sei, da área masculina mesmo "ó não faça isso", ou se já é uma regra em geral, nem sei também se isso é falado, ou se o professor tenta se resguardar, porque infelizmente, assim quando acontece se é um professor, a população, ou alguma suspeita, ou algo que a

> criança disse que nem foi confirmado, ou não uma suposição como a gente já teve vários casos na rede, inclusive de conhecimento público porque sai nos jornais, então a primeira suspeita acaba caindo sobre a figura masculina. (PSICÓLOGA, 2013, grifo meu).

Para ela, a escola deve conversar com o professor sobre sua conduta. Discutir sobre como agir diante de determinadas situações para que não ocorra nenhum mal entendido. Até mesmo ter sempre uma presença feminina ao seu lado para que não fique sozinho com as crianças, para que a escola, as crianças e até mesmo o professor sejam preservados de alguma suspeita.

Trabalhar sob a eterna suspeita de que pode representar um perigo para as crianças pode ser complicado, mas sujeitar-se a ter uma presença feminina sempre ao seu lado é uma vigilância contínua. Retira a autonomia do professor e ele assume a característica de suspeito, de perigoso para as crianças, tanto que precisa de alguém sempre vigiando para saber o que faz.

Em relação à homossexualidade, ela considera que não importa a orientação sexual da professora ou do professor e sim a atuação da pessoa durante o exercício da prática pedagógica. O respeito pelo local de trabalho, o conhecimento da área que trabalha, ou seja, questões que qualquer pessoa deve ter, quando escolhe essa profissão não importa a orientação sexual.

Além disso, a presença do homem como professor na educação infantil faz com que as crianças busquem uma referência masculina, assim como fazem com as mulheres.

> As crianças colocam o professor no papel de pai, ou a professora no papel da mãe, seja aqueles que tenham ou não, porque as crianças que tem pai e mãe, também vêm no professor um cuidado paterno e aqueles que não têm também vê esses cuidados, uns mais, outros menos. Independente dessa questão familiar, o ambiente de trabalho é aberto para todos sem distinção tanto homens quanto mulheres desde a educação infantil. (PSICÓLOGA, 2013).

De acordo, com a *psicóloga* tanto professores quanto professoras representam para as crianças figuras familiares como mães ou pais. Se essa afirmação corresponde à verdade, então as práticas pedagógicas devem considerar o peso desses laços para o sexismo, por exemplo. No entanto, também podem representar a possibilidade de

mostrar para as crianças que homens também podem cuidar de meninos e de meninas sem a preocupação em tornarem-se homossexuais.

Passamos agora a discorrer sobre temas tratados nas entrevistas com professores da educação infantil. Iniciamos com o *professor M,* que também participou de minha pesquisa de mestrado compartilhando comigo algumas de suas experiências e permitindo que observasse sua prática pedagógica. Foi através da observação que eu pude conhecer as dificuldades diárias de um homem ao ocupar um cargo considerado culturalmente como feminino (SAPAROLLI, 1998).

Ele contou-me que no início de sua trajetória foi complicado para ser aceito pela comunidade escolar, porque precisava demonstrar que apesar de ser homem, ele sabia o que estava fazendo, mas ainda não tinha a experiência necessária para comprovar.

Atualmente, apesar de já ter conquistado a confiança das colegas, mães e pais das crianças pelo tempo de atuação nessa escola, esse *professor* já passou por diversas situações em que sua capacidade foi questionada pelo fato de ser homem. Comentou sobre uma delas:

> [...] teve um caso de uma mãe que veio com uma criança pequena, olhou pra mim, viu que era um homem, no momento eu vi nítido na expressão dela "Esse homem vai cuidar do meu filho?" Eram realmente crianças pequenas, era um maternal, na época crianças de três anos. Então foi uma ocasião que eu percebi que houve uma certa resistência e outra coisa, o pessoal da escola também quando eu cheguei me acolheram tudo, mas eu percebi que eles queriam ver, parecia que eu era um extraterrestre, dentro ali do grupo. Queriam ver como eu lidava com as crianças, eu era muito visado ali, observado pelas pessoas para saber se eu ia dar conta de cuidar das crianças, ou não, entendeu? (PROFESSOR, 2013).

Mencionou ainda que sentia um clima de competitividade, porque sempre buscou ter um diferencial e, muitas vezes, essa busca era vista como pretensão de destacar-se, sob o crivo do "Ele quer aparecer". Sua tentativa de superar o senso comum e ser um *professor* que motivasse as crianças a aprender, segundo sua afirmação, incomodavam muito as colegas ao ponto de não partilhar conhecimentos e mesmo de esconder informações importantes dele.

O questionamento das colegas, conforme comentou, não é maior porque ele é pai e, portanto, a experiência de ser pai, torna-o um homem confiável, imune a determinadas desconfianças. Essa mesma experiência permite que ele tenha a confiança da família das crianças, para cuidar delas.

> Sempre assim, quando eu ia, é que eu tinha a experiência de pai e experiência de pai é diferente, por exemplo, você quer acompanhar uma menina no banheiro e tudo, normalmente eu chamava uma funcionária que era coisa que eu não sabia lidar, colocar um macacão ou uma roupa diferente e, tal, mas questão da sexualidade é muito mais difícil, pra gente que é homem lidar. (PROFESSOR M, 2013).

No entanto, comentou que sempre gostou de abraçar as crianças, pegá-las no colo, ou seja, demonstrar carinho, mas sabe que, embora seja pai e goze de menor desconfiança, ainda há, por parte da comunidade escolar, o medo do abuso.

> O peso dos olhares da família, a questão do toque, de colocar no colo, eu tive muito isso, muito respeito pela criança, se eu não fosse casado, não tivesse filho, seria mais difícil ainda, porque tem muita pedofilia por aí, entendeu? Tem muitos casos de pedofilia, existe este peso nas costas do professor de Educação Infantil, a gente tem essa dificuldade em lidar com a sexualidade, é preferível você fingir que não está ouvindo a criança, essa curiosidade que a criança tem do que você lidar diretamente com ela, essa é a dificuldade. (PROFESSOR M, 2013).

O fantasma do abuso sexual assombra porque não é fácil imaginar um homem cuidando e sendo carinhoso com uma criança estranha ao seu convívio familiar sem que haja uma conotação sexual por trás dessa relação.

Perguntei ao *professor M* quais seriam, em sua opinião, as vantagens e desvantagens de ser um homem atuando como professor na Educação Infantil. Ele respondeu-me da seguinte forma:

> Enquanto homem eu acho importante a referência masculina dentro da escola, porque muitos me chamavam de pai. Eles me chamavam muito de pai, vinham no meu colo, me abraçavam. Ter um contato com o homem sem que ele seja estúpido, sem que ele seja machista, para eu poder abraçar essa criança, enquanto homem com sentimento faz um diferencial tremendo. Eu queria ter tido um professor, o meu o meu pai falecido era alcoólatra e eu não tive a presença dele, a presença masculina, quiçá eu tivesse encontrado um homem em todo o meu processo de Educação Infantil e Ensino Fundamental I e eu não encontrei, mas eu acho que esse papel de professor de Educação Infantil, como eu sempre tive, eu causo impacto, eu gosto muito de abraçar as crianças, de olhar no olho delas, dizer que eu gosto delas, mostrar que ela é importante para mim e isso faz a diferença enquanto homem de quebrar esse paradigma de que homem é frio é grosso, é o que bate, é o que grita, é o que manda, não é por aí, e isso aí faz uma diferença tremenda, essa é a vantagem. A desvantagem é que quando eu falo que sou professor de educação infantil, não ser valorizado na hora que você, se eu estou numa roda de homens e até de mulheres. Qual sua profissão? Eu sou professor de educação infantil. Nossa

> um homem! Nossa, mas qualquer coisa, mas é um trabalhinho não é para você é para a mulherada, cuidar não é para homem, eu percebo na fala da minha mãe, até hoje ela fala, nossa cuidar de criança pequena não é para mim entendeu? (PROFESSOR M, 2013).

Além de todos os questionamentos que enfrenta diariamente, sente-se obrigado a justificar o porquê escolheu essa profissão que não representa o prestígio que um homem normalmente busca. Mencionou que os próprios pais veiculavam um discurso de que cuidar de criança é para a mulher.

Sua masculinidade, segundo o que comentou, também sempre foi motivo de dúvidas mesmo sendo casado e tendo filhos, as colegas continuam questionando sua preferência sexual, ao ponto de incomodá-lo.

> Teve no ano passado uma professora que falou "Olha ele é professor de Educação Infantil e não é gay!" Isso me incomodou muitas vezes tanto que um dia, eu perguntei para ela "E se eu for? Não muda nada no meu trabalho" em tom de brincadeira, mas eu falei e foi uma fala que começava a me incomodar, ela falou como se eu fosse gay isso ia me diminuir enquanto pessoa, enquanto profissional e não vai diminuir e daí que eu não sou e daí se eu professor de educação infantil alia muito ao gay com o professor de educação infantil, ele não pode ser homem, não pode ter a masculinidade dele. (PROFESSOR M, 2013).

O comentário da colega de trabalho incomodou-o, porque além de duvidar de sua masculinidade ela sugeriu que devido a sua escolha profissional, ser homossexual era a única explicação e, caso não fosse, representaria um motivo de admiração.

Já o *professor L* revelou-nos que as relações dele com as colegas de trabalho são permeadas por estereótipos, que elas utilizam como padrão para avaliar os seus comportamentos. Sua função, além das obrigações que a profissão exige, é provar sua capacidade, sua masculinidade e que não representa um perigo em relação ao abuso sexual. Para tal, ele compreendeu que deve conquistar a confiança das colegas primeiro, para depois conquistar as famílias mostrando que é capaz.

Explicou que as crianças costumam estranhar a presença de um homem, já que sempre conviveram com professoras, então ele conversa bastante e depois que começa a brincar com elas os problemas acabam. O que importa para ele é que as crianças sintam-se bem e confessa que até mesmo exagerou anteriormente sendo muito permissivo e que, por isso as crianças não compreendiam a importância dos limites. Agora admite que ser firme, também faz parte do ensinar.

Outra questão comentada por ele que faz com que sinta-se bem nessa escola é que a Coordenadora conversou com ele e disse que a educação infantil não se compõe de fichas que comprovam que a criança aprendeu. Assim ele pode brincar com as crianças sem precisar usar o caderno, já que atua com uma turma do período integral e a professora da manhã usa mais o caderno, porque suas atividades são, praticamente todas, voltadas para o lúdico.

Em relação às profissões, para ele não há distinção, tanto homens quanto mulheres podem ocupar qualquer uma, desde que tenha vontade de aprender. Considera que há um campo de trabalho para o homem também na Educação Infantil, apesar da maioria ser de mulheres. Só que o homem tem que saber ouvir as críticas e aceitar correções.

> [...] eu percebo assim, que eu estou num campo na educação infantil que é profissão de mulheres, e eu tenho a minha consciência de que no Fundamental, já é um pouco mais aceito, não é? O homem é mais fácil até de segurar a turma, não é? Mas eu acredito que não, quando você tem vontade. Você vem para fazer com amor, para você realmente dizer assim, não eu estou pra fazer desse jeito, para acontecer [...]. (PROFESSOR L, 2013).

A preocupação com a masculinidade do *professor* refere-se principalmente à postura dele em relação às crianças, ou seja, se de alguma maneira em sua prática pedagógica ele será capaz de separar sua sexualidade de seu trabalho, não influenciando as crianças a desviarem da retidão heterossexual.

Contou-me sobre o questionamento de uma colega de trabalho,

> [...] se eu te perguntar você responde? Respondo depois de uns três meses de amizade, já com ela. Ela falou assim: você é gay? Eu falei assim: não, eu não sou gay. Aí ela falou assim: ah tá porque é difícil a gente ver homem na Educação Infantil, não é? Mas assim, eu falei: não sou gay, tenho namorada faz 13 anos, então assim, não sou. Sabe, mas às vezes as pessoas ficam assim olhando, será que é? Será que não é? Mas, não, já ouvi as pessoas perguntarem, mas, não, não sou não. (PROFESSOR L, 2013).

A insistência em relação ao questionamento da masculinidade desse *professor* incomoda-o, mas até que as colegas se convençam, ele tem respondido com paciência até em horário de reuniões e atividades.

> Mas eu sempre deixei claro, às vezes eu chego aqui, normalmente no planejamento e falo, "Gente eu tô falando, mas eu não sou gay!" Sabe, pode falar, eu falo eu sou macho, sou homem." (PROFESSOR L, 2013, grifo meu).

Além disso, a dúvida quanto à masculinidade do *professor* representa uma preocupação a respeito da relação dele com as crianças. Comentou que realmente precisa ter cuidado porque o olhar de quem está vendo de fora da escola pode não compreender o que realmente está acontecendo. Segundo sua afirmação, as crianças da educação infantil pedem maior atenção e são mais carentes do que as do ensino fundamental. Pedem carinho e ele não quer deixá-las sofrer, mas algumas vezes é realmente complicado. Ele exemplificou que

> [...] na Educação Infantil a criança tem muita carência e, às vezes, a criança quer te abraçar, eu tenho um aluno que o tempo todo quer abraçar, é complicado, mas eu não desfaço não. Eu abraço, eu acolho, só que é assim, a gente fica um pouco abraçado e depois vai pra atividade, é coisa assim de fração. Tem que ser assim, sabe? Prô eu quero sentar no seu colo, não aqui ninguém senta no colo, aqui é o "Prô". (PROFESSOR L, 2013, grifo meu).

Com todas essas suspeitas quanto ao comportamento do *professor L* em relação à criança, um relacionamento que deveria ser rico e proveitoso para ambos, acaba sendo prejudicado pela distância que o *professor* deve manter da criança. Assim, permanece o estereótipo de que o homem não é tão carinhoso quanto à mulher, quando na verdade ele está se protegendo de olhares preconceituosos.

2.2 Relações de gênero na escola: breve análise

Ser homem e atuar na educação infantil, profissão tradicionalmente considerada como de mulheres pelas similaridades que mantêm com o espaço doméstico, significa submeter-se a toda ordem de discriminações e preconceitos que são dirigidas ao gênero feminino, em uma sociedade regida por uma herança histórica e cultural machista, advindas do patriarcado.

Homens e mulheres que compõem a sociedade brasileira, tem em sua mentalidade elementos que fazem parte do tempo da longa duração pois estão arraigados como verdades no modo de ver o mundo. Entre esses elementos estão as determinações sociais destinadas a cada um dos gêneros, que, conforme já discutido anteriormente, são produtos de uma história cultural pautada em valores, crenças, costumes e comportamentos, cuja origem remontam ao período do Brasil Colônia.

Dos lusitanos herdamos, entre outras coisas, o modelo de família patriarcal. Nela cabe ao homem (patriarca) todo o poder e autoridade para decidir sobre as vontades e os destinos dos demais membros. É o chefe, responsável pelo provento e proteção da prole. Cabe aos demais membros da família (mulher/esposa/filha; crianças; filhos) total obediência ao patriarca.

Nesta composição familiar, as mulheres sempre foram colocadas em segundo plano. A existência das mesmas devia servir para atender a todos os tipos de necessidades dos homens. Cabia a elas obediência cega e fidelidade. O cuidado das crianças, dos filhos e dos afazeres domésticos era de sua única responsabilidade. Isso em todos os níveis sociais, já que mesmo aquelas que dispunham de escravas ou de empregadas, tinham que administrar o trabalho das mesmas para que tudo corresse de forma a não trazer nenhum aborrecimento para o seu "dono".

Uma das dificuldades que o pesquisador encontra quando escreve sobre formas de organização familiar e se depara como o patriarcado é não saber ao certo se o verbo deve ser usado no passado ou no presente. O fato é que pela fala de meus entrevistados, é possível verificar que há uma presentificação do passado quando o assunto é relações de gênero e práticas sexistas.

Não há dúvidas de que as formas de organização familiar no Brasil sofreram alterações com os processos de industrialização e de urbanização. Hoje há modelos em que a mulher faz o papel de chefe e de provedora; há famílias compostas apenas por mães e filhos e outras em que os homens vêm e vão; algumas compostas por homens e filhos; enfim, com a modernidade, alteraram-se ideias, valores, comportamentos.

Contudo, percebe-se pela fala de meus entrevistados que tais mudanças ocorreram mais na aparência do que na essência. Em nível de discurso, há uma propensão em falar-se de um modelo de família ideal, composta por pai, mãe e filhos. Na educação infantil a presença de um professor é vista como alguém que pode servir como modelo de pai; à professora atribui-se tarefas de mãe. Permitir que o menino brinque com boneca pode servir como um exercício para a paternidade.

Verifica-se, portanto, que embora não se possa negar que houve mudanças decorrentes de movimentos sociais, muitas delas são concebidas como concessões por parte de quem detinha o poder e não como conquistas das minorias sociais. Argumentos desse tipo aparecem em vários discursos e revelam que em nível de mentalidade, as

mudanças estão muito aquém do desejado para que realmente haja equidade de direitos entre os gêneros.

Mudar mentalidade se faz, sobretudo, através da educação em sentido amplo. A educação infantil é o primeiro espaço no qual a criança tem oportunidade de entrar em contato com educação formal. Portanto, não pode ser vista como uma mera extensão do espaço doméstico. A mulher que lá trabalha não devia justificar sua escolha pela sua aptidão para ser mãe, ou pelo fato de gostar de crianças.

Um homem ter sua sexualidade colocada à prova pelo fato de ter escolhido ser professor de crianças pequenas, revela que o preconceito e a discriminação ocorrem no seu próprio espaço de trabalho, pois, vi nas entrevistas que são as mulheres que com ele trabalham quem mais ficam incomodadas com o fato. Ao afirmarem que "isso não é serviço para homem" ou ao se colocar como confidente como ocorreu com a professora que disse "pode me dizer, você é gay?"

Admitir-se gay parece amenizar o risco que ocorra abuso sexual. Assumir a masculinidade pode ser perigoso, pois sempre haverá dúvidas sobre suas reais intenções ao abraçar uma criança ou aconchegá-la no colo.

Ser professor na educação infantil significa ainda aceitar receber um salário, que aos olhos do poder e da sociedade em geral, serve para complementar a renda familiar, assim como seria para a mulher. Além da pouca remuneração e da desvalorização da profissão eles são sempre chamados a provar sua masculinidade.

Argumentações de Rabelo(2010), corroboram o que foi dito anteriormente. Professores e professoras quando questionados sobre os motivos que os levaram a escolher a profissão docente, revelaram que a mesma se deu em virtude do carinho que têm pelas crianças. Exemplo dessa afirmação é como eles se referem ao contato que mantêm com elas, em querer abraçar, em se importar, em representar o papel de pai ou de mãe. O *professor M* fala sobre ser uma referência para as crianças de um pai amoroso que olha no olho. O *professor L* também comenta que se não fosse o peso dos olhares ele seria mais carinhoso, porque percebe que as crianças são carentes e pedem para ser abraçadas. As professoras também afirmam ter um vínculo com as crianças, por exemplo, a *professora* da escola A, quando comenta que prefere estar no berçário, porque considera que os bebês precisam de carinho e acolhimento nesse momento de separação das mães. O carinho pelos pequenos representa para elas qualidade em sua atuação, mas por parte deles, pode representar suspeita.

O medo da proximidade do homem em relação à criança aparece em todas as entrevistas. Até o *professor M* refere-se ao peso que deve carregar pelo medo de ser acusado de abuso. O *professor L* também teme a má interpretação dos pais em relação às atividades com as crianças e todas as demais entrevistadas afirmam o temor da comunidade em relação ao fato dos homens participarem da higiene das crianças. Dá para imaginar a quantidade de problemas que enfrentariam caso falassem sobre sexualidade com as crianças.

De acordo com Felipe (2006) existe uma representação da masculinidade heterossexual atrelada a pedofilização na qual o homem possui desejos sexuais incontroláveis, e isso causa insegurança quanto à presença do mesmo em determinados espaços.

Para tentar diminuir a insegurança quanto à presença do homem, tem-se a substituição do professor pela figura paterna e o carinho passa a ser comparado à presença de um pai participativo. Lyra &Medrado (2000) comentam o surgimento do modelo do novo pai, aquele que se responsabiliza economicamente pela família, participa no desenvolvimento e na educação de seus filhos, reconhece suas necessidades e, além disso, é um homem carinhoso.

Esse novo pai, está subentendido nas entrevistas quando é mencionado pela professora da escola B que o professor que trabalhava com ela antes tinha experiência de pai, por isso sabia como agir com as crianças. O *professor M* é aceito pelas colegas, pois tem experiência de pai, ou até mesmo quando a vice-diretora menciona que as crianças buscam na presença masculina a figura de pai.

Ser *como* um pai permite que o homem circule livremente pelo universo da educação infantil sem que represente um perigo e, sim, um exemplo. Tanto que, como disse anteriormente, quando os meninos brincam de boneca e esta brincadeira é associada ao papel do pai carinhoso, as dúvidas sobre a homossexualidade são amenizadas. Essa associação funciona como um coringa que os isenta das dúvidas quanto à homossexualidade.

Sendo assim, assumir a posição de pai, aproxima o professor da dedicação materna em relação à criança. Homens e mulheres deixam de ter comportamentos binários e assumem os papéis domésticos que são desejados na educação infantil e do homem o medo do abuso sexual é substituído pela figura do pai carinhoso (LYRA; MEDRADO, 2000).

Considerando o objetivo deste capítulo, que foi de apresentar como são vivenciadas as relações de gênero nas duas escolas que selecionei para a pesquisa e entender como os homens enfrentam o peso dos olhares, além de compreender se e como o medo do abuso sexual altera suas práticas pedagógicas, constato que as mulheres utilizam os estereótipos femininos para justificar suas habilidades no exercício da docência, como emoção e carinho para com as crianças e compreensão quanto aos problemas que as mesmas possam ter. Por sua vez, os homens tentam conquistar seu espaço, mas o carinho que eles apresentam com relação às crianças é visto com olhares diferentes. Além disso, eles precisam comprovar sua capacidade de atuar assim como as mulheres, bem como, precisam provar sua masculinidade, o que pode representar, também, outro risco, como o medo do abuso.

Mediante essa situação, os professores assumem o papel de pai, visto que esse papel os protege do peso dos olhares e garante uma posição confortável no relacionamento com as crianças. A prática pedagógica deles é prejudicada quando trata-se de manifestação de sexualidades advindas da crianças. Ambos os professores, afirmam temer a reação dos pais em relação a este tema.

Assim, o desconhecimento ao abordar o tema prejudica as professoras por não saber exatamente qual atitude tomar, mas quanto aos homens, além de desconhecer como explorá-lo, ainda há o preconceito que sofrem ao falar sobre isso com as crianças e com as famílias.

As falas de meus entrevistados (homens e mulheres) revelam que há uma lentidão no processo de mudanças das representações sociais sobre os papéis atribuídos aos gêneros. Isto decorre do fato de que os mesmos foram construídos historicamente e estão interiorizados no imaginário coletivo. Mudanças de mentalidades que se traduzem em mudar atitudes, comportamentos e concepções de mundo só podem ocorrer no tempo da longa duração e os efeitos de tais transformações não são facilmente perceptíveis no tempo imediato.

No próximo capítulo apresentarei como os participantes da pesquisa respondem para as crianças as questões que indicam manifestações da sexualidade, quais os principais tabus que envolvem esse tema dentro e fora da sala de aula.

CAPÍTULO 3 - Sexualidade Na Educação Infantil

Conforme já mencionei, em todo o percurso desta pesquisa e dos outros estudos que já realizei, pude constatar que são poucos os estudos que dedicam-se a compreender como se dá a construção das identidades sexuais na infância, se e como a escola trabalha esta questão.

A escola, em geral, estabelece e reafirma apenas as formas de *masculinidade* e *feminilidade* concebidas como referência, modelo ou vistas como *normais,* baseadas na concepção de heteronormatividade. As professoras, que não tiveram uma formação inicial, tampouco em continuidade, contemplando a educação para a igualdade de gênero, incluindo a sexualidade, tornam-se vigilantes a este modelo. Este modelo, baseado também na virilidade, vai reforçar, confome Molinier e Welzer-Lang (2009, p. 101-102)

> [...] 1) Os atributos sociais associados aos homens e ao masculino: a força, a coragem, a capacidade de combater, o "direito" à violência e aos privilégios associados à dominação daquelas e daqueles que não são-e não podem ser- viris: mulheres, crianças; 2) a forma erétil e penetrante da sexualidade masculina. A virilidade, nas duas acepções do termo, é aprendida e imposta aos meninos pelo grupo dos homens durante sua socialização, para que eles se distingam hierarquicamente das mulheres. A virilidade é a expressão coletiva e individualizada da dominação masculina.

Esta concepção de masculinidade, aliada à ideia da sexualidade masculina bem como dos *lugares e papéis masculinos e femininos,* são também responsáveis pela rejeição, que frequentemente é observada, quanto à docência masculina na Educação Infantil. Conforme Brabo (2005) tem constatado desde os anos de 1990 até a atualidade, pela falta da formação a respeito da temática, as professoras acabam trabalhando na perspectiva dos *seus* valores, não se veem como agentes importantes para as mudanças nas relações sociais de gênero que contribuem para a desigualdade de gênero. Assim, continuam a reforçar a visão androcêntrica de mundo, reafirmando estereótipos acerca do *ser mulher* e *ser homem* na sociedade, nos moldes da citação acima mencionada, contribuindo para a desigualdade de gênero. Como também constataram Felipe e Guizzo (2004, p. 34), nesta perspectiva, as professoras

> deixam de proporcionar atividades que estimulem a integração e cooperação das crianças dos dois sexos e acabam por reforçar a separação, na medida em que propõem atividades diferenciadas para

> meninos e meninas, além de estabelecer dinâmicas de trabalho baseadas nas disputas entre os dois grupos.

Ainda conforme as autoras, quando os comportamentos desviam-se do que é considerado *normal* e *convencional,* são desaprovados e vistos como transgressores do padrão estabelecido pela escola. Estas crianças, frequentemente, vão ser vistas como portadoras de distúrbios, de problemas que precisam ser trabalhados para enquadrá-las no âmbito da normalidade.

Quando se concebe comportamentos como *normais* e *naturais*, há a tendência a entender-se a sexualidade como inerente à natureza do ser humano, desconsiderando o aspecto relacional dela. Como expõe Schindhelm (2011, p. 11), a sexualidade, "[...], é construída por significações compartilhadas na história cotidiana das interações com o outro, pelas quais a criança aprende como agir de acordo com os valores e as normas culturais de seu ambiente".

Continuando, Schindhelm (2011) argumenta que o corpo da criança é a " [...] matriz da sua sexualidade, na medida em que, por seu intermédio, sente o mundo desde o nascimento. Pela proximidade física e mental dos pais ou de quem desempenha esse papel, o bebê percebe a sensação de segurança e também de amor".

O corpo infantil, na inter-relação de laços afetuosos de intimidades, passa a ser um palco de manifestações de sensual intimidade decorrentes de abraços, carinhos e afagos trocados com colegas, familiares e também com os(as) educadores(as). Conforme a autora afirma, desde o nascimento, o corpo da criança possui inúmeros pontos anatômicos, geradores e produtores de sensações e de excitação sexual.

Acrescenta, ainda, citando Louro (2001), que os bebês desenvolvem-se interagindo com suas culturas num processo de construir e viver seus corpos segundo rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções, transformando o corpo biológico num corpo histórico e com sentido social.

Ao entrar na escola, e na atualidade cada vez mais cedo, as diferenças dessas construções são evidenciadas pelas formas como cada criança expressa seus desejos e prazeres. Muitas vezes, essas particularidades não são respeitadas na Educação Infantil e as experiências vividas em seus interiores, com colegas e educadores/as, deixam marcas permanentes. Pude constatar, quando dos primeiros contatos com as escolas que participaram da pesquisa, relatos que mostravam preocupação e desconhecimento acerca de como agir, por exemplo, quando uma criança, no momento do sono, começasse a tocar seus órgãos genitais. Aparentemente,

não entendiam que isto faz parte do processo de conhecimento do próprio corpo. Conforme Louro (2001, p. 17),

> As escolas costumam adotar o corpo como ponto de partida para educar as crianças e, como consequência, produzir uma sexualidade "normal" - masculina ou feminina - por meio de práticas pedagógicas disciplinadoras sutis, discretas, contínuas e, quase sempre, eficientes e duradouras, porém nem sempre explícitas ou intencionais.

Conforme a literatura aponta, é no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais, dentre elas as sexuais. Já na primeira infância, as crianças começam a formar as suas ideias sobre sexualidade, a partir do que observam e vivenciam na interação familiar, com seus pares e também com os educadores e as educadoras.

Como o tema *sexualidade* ainda é pouco discutido na área da Educação Infantil, prevalecem visões baseadas no senso comum, que naturalizam-se e tornam-se quase invisíveis, entretanto, produzem consequências políticas importantes que vão marcar significativamente a criança no seu processo de socialização, portanto, não podem ser ignoradas, conforme aponta Louro (2008a).

Quando as crianças recebem uma formação que trata o corpo como algo vergonhoso ou até mesmo pecaminoso, elas passam a ser não apenas portadoras, mas também propagadoras de um conjunto de princípios e opiniões calcados num pudor excessivo e inibidor de qualquer forma de expressão da sexualidade. No geral, são as meninas as que mais são cobradas por esta postura.

As normas, que não esclarecem, mas que impõem-se por silêncios ou por pronunciamentos punitivos, são apreendidas pelas crianças como controladoras e disciplinadoras das expressões e comportamentos relativos ao sexual.

A sexualidade da criança, no seu contexto infantil, revela-se na experiência de prazeres com registros profundos de sensações que a memória do corpo não esquece, afirma Caridade (1997, p. 121). Essas memórias alicerçam impressões de algo bom ou não, que farão eco na maneira como as crianças viverão suas sexualidades ao longo da vida.

A educadora e o educador, que têm um papel importante no processo formativo das crianças, vive a própria sexualidade traduzida por valores, crenças, opiniões e sentimentos. Assim, nunca estará absolutamente isento deles ao vivenciar as experiências, as perguntas e as curiosidades, conforme constei e explicitarei neste

capítulo. Concordando com Louro (2008b, p. 81), consideramos que a sexualidade está na escola, faz parte dos sujeitos e não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se "despir".

Nesta linha de pensamento, também Werebe (1998) afirma que a sexualidade só é plenamente vivenciada pelo corpo quando sua relação com o social a estimula. Assim, é necessário que ocorra uma determinada sintonia entre o biológico e o social para que ela se manifeste.

Em se tratando do social, muitos fatores implicam para que a sexualidade se manifeste, assim como há fatores inversos que a reprimem, conforme vimos até aqui. A sociedade tem tomado algumas medidas para que ela permaneça silenciosa, e, portanto não cause problemas como as doenças sexualmente transmissíveis (DST), ou a gravidez indesejada.

Ocorre que medidas como estas, que buscam neutralizar a sexualidade, acabam por promovê-la, pois, como afirma Foucault (1988), não se para de falar sobre sexo, mas utiliza-se de outros meios para atingir outros fins, que acabam por promovê-lo.

Assim, a repressão social limita cada vez mais os espaços em que se pode falar sobre a sexualidade e para que essa repressão seja eficaz, os corpos passam a ser vigiados.

Essa dinâmica é utilizada em diversos locais em que a concentração de pessoas é parte do cotidiano, como a escola, por exemplo. Embora os olhares se voltem para o corpo em busca da disciplina, eles também exercem influência sobre a sexualidade de crianças e jovens.

Entretanto, conforme afirmam Maia, Pastana, Pereira e Spaziani (2011) quando adentramos em um universo como o da Educação Infantil, onde temos crianças pequenas, consideradas culturalmente como assexuadas, e observamos comportamentos relacionados à sexualidade, sequer imaginamos que se trata apenas, de

> [...] um momento de descoberta do próprio corpo e do corpo do outro, por meio de jogos infantis, da masturbação, da própria curiosidade em observar os outros, das conversas sexuais em grupo, do emprego de palavras supostamente obscenas, dos bilhetes e desenhos sexuais, da fase dos encontros clandestinos e do exibicionismo. (MAIA; PASTANA; PEREIRA; SPAZIANI, 2011, p. 116).

Essas descobertas causam angústia para as/os professoras/es por não saberem lidar com atitudes como essa. Além de não ter recebido nenhuma informação a esse

respeito durante sua formação, ainda precisam enfrentar seus próprios medos e preconceitos em relação ao tema para tentar compreender o porquê dessas descobertas.

O medo, obviamente, está atrelado ao desconhecimento do *porquê*, tendo em vista que apesar de todas as crianças manifestarem de alguma forma sua sexualidade, muitas vezes elas não o fazem na escola ou de forma aparente, sendo assim, para as/os professores e professoras, a curiosidade sobre a sexualidade só se manifesta em algumas crianças.

A partir desta constatação, buscam um culpado para essa curiosidade precoce. Por partilhar com a família a responsabilidade em relação à criança, ambas se acusam sem encontrar o culpado. Outro medo identificado pelas/os professoras/es é de que as crianças se interessem ainda mais pelo tema à medida que ele seja tratado na escola.

Uma questão a se considerar também em relação à Educação Infantil, como mencionei anteriormente, é que se trata de um ambiente culturalmente feminino, por ter como objetivo também cuidados com crianças. Além disso, as relações que se estabelecem quase sempre visam manter os estereótipos dualistas, por meio de práticas sexistas, conforme já apontamos.

Apresentei, no segundo capítulo, como as/os participantes da pesquisa relacionavam o brincar com papéis sexuais definidos, oferecendo brinquedos às crianças para reforçar o que é concebido socialmente como próprio para cada gênero. No terceiro capítulo discuto como as relações de gênero interferem nas práticas, prejudicando ainda mais os homens, no que se refere à sexualidade, quando atuam como professores neste nível de ensino. Devido aos estereótipos de gênero tidos como *naturais*, eles são constantemente vigiados, pois há a preocupação com a *sexualidade incontrolável do homem* e, também, porque são as *mulheres* vistas como mais apropriadas para a educação das crianças pequenas, num prolongamento do papel da mãe. Apresento, além do mais, como os participantes da pesquisa respondem para as crianças às questões que indicam manifestações da sexualidade.

3.1 As ações e concepções dos/as participantes da pesquisa sobre a sexualidade

A *diretora* da escola A afirmou que a manifestação da sexualidade é um caso recorrente. Segundo sua forma de pensar, a maioria deles ocorre porque a criança dorme com os pais.

> Aí você entra mais a fundo e percebe que na casa só tem um quarto que todo mundo dorme, acha que a criança não tá vendo, mas vê.

> Além dessa erotização tão grande que tem na mídia. Que isso eu não sei, eu aço que prejudica um pouco o desenvolvimento da criança nesse sentido, não achar muito natural e às vezes erotizar muito e a criança vê situações que não são muito adequadas para ela. (DIRETORA, 2013).

Casos como o de masturbação também são constantes nas escolas e, quando ocorrem, a mãe é chamada para conversar, porque conforme explicitou, esse comportamento pode estar atrelado a problemas de ordem psicológica como a carência afetiva, por exemplo. Ela comenta que é uma situação complicada porque às vezes a criança está reproduzindo atos sexuais com outras crianças.

> A orientação que eu dou para as professoras é que quando for falar com a criança, dizer "seu pipi" é só seu, só você quem pode colocar a mão da mesma forma com as meninas e orientando sem fazer muito alarde nem pros outros que a curiosidade das crianças é muito grande, porque às vezes as crianças tem essa atitude e as outras nem percebem, porque eles são muito inocentes nessa idade ainda, então você fica chamando muito a atenção para essa situação às vezes você desperta atenção para uma coisa que os outros não estão nem notando. (DIRETORA, 2013, grifo meu).

Ela comentou que, por vezes, é necessário mudar o foco de atenção da criança, para que ela se esqueça daquele prazer momentâneo. No entanto, quando há a repetição do comportamento, é necessário descobrir o que está acontecendo de diferente na vida da criança. Sendo assim, afirma que é necessário conversar com a família da criança. Conclui dizendo que "o que não se pode fazer é reprimir porque aí a criança se sente constrangida e a situação piora".

A *professora* da escola A comentou que teve uma criança que se tocava, constantemente na hora do sono. Quando chamou a mãe para conversar, esta mencionou que também já tinha percebido e que não sabia o que fazer. Em busca de solucionar o problema ela pesquisou na internet textos que a instruíssem a esse respeito.

A solução encontrada foi de mudar o foco de atenção da criança para outras atividades, na hora do sono: "oferecer brinquedos que ela se interesse, para que aos poucos ela se esqueça desse momento de prazer". A professora afirmou também que tem um olhar aguçado a respeito dessas questões porque ela já participou de um curso de formação continuada e que entende que questões como essa ocorrem com maior frequência do que imaginamos.

O *professor L* da escola A

Em se tratando da curiosidade pela sexualidade, o *professor L* afirmou que teve problemas com uma de suas crianças, porque ela estava tentando descobrir o que estava acontecendo com seu próprio corpo. Ela ficava espiando outras crianças no banheiro, então ele precisou sentar com a criança e explicar o que estava acontecendo.

A sexualidade é pouco tratada na Educação Infantil pela questão de instigar a curiosidade da criança, então, segundo esse professor, não é fácil contemplar as necessidades de explicação que a criança tem.

> Olha, a criança tem o X a menina, o menino tem outro X, então é um assunto delicado é um assunto diferente e às vezes eu falo que a sexualidade deveria ser aprendida nas EMEIS, não sei se é porque nós os professores também não somos preparados para falar sobre isso. (PROFESSOR L, 2013.).

Para ele, na formação inicial e continuada, deveria haver o ensino de como a sexualidade deveria ser tratada na Educação Infantil, para que os/as professores/as tivessem ferramentas para resolver um caso como este.

A situação acaba tornando-se mais difícil ainda quando é um professor vivenciando isso. Ele afirmou,

> Você tenta evitar um pouco o que é errado eu percebo assim que é um pouco errado você deveria realmente ter uma conversa falar assim, "olha vai chegar um dia que vocês terão que saber disso, daquilo, mas não é o momento", mas assim deveria ser tratado, mas a gente eu como professor masculino eu tento separar vamos brincar que a atividade é outra eu tento desviar o olhar. Tento ocupar ela de outra coisa para que ela não veja isso, mas assim na outra EMEI, tinha muito isso por ela ser uma periferia, muito periferia mesmo, sabe? (PROFESSOR L, 2013, grifo meu).

Para o *Professor L*, muitas vezes é melhor ignorar certas perguntas, porque respondê-las pode ser constrangedor por se tratar de um homem conversando com as crianças sobre sexo. Além disso, outra afirmação que ele fez foi quanto à condição social das crianças. Ele sugeriu que a curiosidade das crianças quanto à sexualidade está interligada à situação socioeconômica da família, ou, como costuma dizer, a "famílias desestruturadas".

Ele afirmou que caso tivesse uma situação como essa ocorrendo com sua turma chamaria a Coordenadora e a Diretora para resolver essa situação até mesmo para se precaver de possíveis acusações.

O relato do professor mostra que a prática docente na Educação Infantil lida, no cotidiano da escola, com experiências problemáticas que exigem decisões complexas, com incertezas pela falta de formação, quando deparam-se com situações como a que acima mencionei ou quando as crianças expressam uma "vontade de saber", questões envolvendo a sexualidade, conforme se lê em Foucault (2005, p. 14). O problema torna-se maior ainda quando na docência está um homem, por todas as dificuldades já mencionadas.

A *Coordenadora* da escola B também comentou que esses comportamentos acontecem sempre. As professoras são orientadas para conversar com as mães e pais sobre isso, antes que a criança comente em casa de forma errada. Quando percebem que esse comportamento está ocorrendo, além do normal, chamam a mãe porque às vezes é uma válvula de escape para a criança.

No entanto, em casos normais de pura curiosidade a *Coordenadora* orienta a falar com as crianças da seguinte forma:

> [...] tem o "pipi" para isso, então é para fazer xixi, fez o xixi guarda, é questão de conversar mesmo não pode chegar e repreender e nem fazer ó meu Deus o que é isso? Fica maior e a curiosidade aumenta, então é preciso ter *jogo de cintura*. (COORDENADORA, 2013).

A *Vice-diretora* da escola B considera que essa curiosidade da criança em relação à sexualidade é coisa natural da idade delas. Ela comentou que uma professora foi pedir orientação para ela porque uma criança se tocava e, além de ocorrer com frequência, também chamava a atenção de outras crianças. Sua orientação foi de que chamasse a mãe para conversar e perguntar se ela já presenciou alguma atitude nesse sentido.

Quando a situação começa a ser muito recorrente, conforme informou, ela orienta a família a pedir ajuda profissional, mas "se é apenas curiosidade, é necessário que se desvie o foco de atenção da criança". Às vezes, afirmou, "conversar com a criança sobre o corpo pode ajudar". Sugere, então, dizer

> [...] então o que é isso? É o peito, e ele serve pra quê? Para amamentar o bebezinho quando nasce e o fazedor de xixi e não sei o que lá? Então eu acho que tem que ser tratado de forma natural. (VICE-DIRETORA, 2013).

A *professora* da escola B comentou inicialmente que apesar de ter 18 anos de prática não tinha tido nenhuma experiência em relação a esse assunto, mas quando eu

perguntei o que faria se tivesse algum caso como esse, ela comentou sobre o caso de um menino que se masturbava em todos os lugares. Ela afirmou "[...] eu não sei muito bem como é a masturbação do masculino, ele ficava deitadinho e se mexendo [...]" (PROFESSORA, 2013).

No entanto, as outras crianças percebiam que ele estava fazendo algo diferente, mas, conforme ponderou, "pareciam não saber do que se tratava" pois diziam

> [...] olha tia, o Leandro[1] tá deitado. Eles nunca falavam ele está fazendo alguma coisa e eu nunca chamei a atenção, o que a gente fazia? Procurava dar alguma coisa, tirar ele daquele momento que era um transe ele passava por aquilo, então a gente tentava aliviar, tanto a questão das crianças, então a gente tirava as crianças dali. Vamos brincar? Vamos cantar? Então ele ia junto, parava e ele voltava, era complicado, mas a gente passava por isso, mas não tive reprodução desse comportamento, então assim eu lido de forma entendeu?

Esta *professora* disse que, quando a criança repetia esse comportamento, tentava desviar a atenção da criança e se preocupava se as demais iriam imitá-lo. Dessa forma, ela apenas tentava mudar de atividade e não confrontar a criança.

Em relação à curiosidade acerca do corpo da menina, o *professor M* ele confessou ter situações em que ele não sabia intervir.

> De repente a menina está de saia e abre a perninha aí os meninos começam a querer ver a "vagina" da menina aí eu tinha que ir lá e falar, senta direitinho senão vai aparecer a calcinha, é muito difícil pro homem lidar com essa questão da sexualidade do que pra professora, porque pra professor é mais difícil, entendeu? (PROFESSOR M, 2013).

Segundo afirma este *professor,* lidar com questões baseadas na sexualidade, causa maiores constrangimentos para os homens do que para as mulheres. A presença do homem na Educação Infantil causa desconforto para algumas mães. Afirma, ainda, "imagina se o homem comenta alguma situação a esse respeito".

O *professor M* comentou que a criança é um sujeito de direitos e por isso deve ser respeitada sua curiosidade sobre a sexualidade, suas perguntas devem ser respondidas. Entretanto, para ele, para que o professor possa abordar convenientemente o tema precisa de ferramentas para estudar. Assim, relembra que

[1] Para não expor a criança em questão utilizei um nome fictício.

> Na UNESP, por exemplo, tínhamos uma disciplina a esse respeito como optativa, mas não tinha material bibliográfico para que o professor pudesse estudar. O RCNEI também menciona poucas informações a esse respeito, que impossibilitam o professor poder utilizá-la para trabalhar com as crianças. (PROFESSOR M, 2013).

Em busca de uma resposta, de como as professoras e professores são orientados a trabalhar as questões relacionadas à sexualidade, entrevistei a *Supervisora* da Educação Infantil e a Psicóloga da rede municipal de ensino de Marília-SP.

A *Supervisora* contou que trabalhou em todas as instâncias da Educação Infantil dentro da escola: como Estagiária, Professora, Coordenadora, Vice-diretora e Diretora. A partir de 2013 foi convidada para ocupar este cargo na Secretaria da Educação de Marília. Para ela, o fato de ter trabalhado em cada uma dessas funções contribuiu para desenvolver um olhar específico sobre a Educação Infantil.

Porém, como sua experiência mais significativa foi como Diretora, muitas de suas contribuições foram feitas com base nesse cargo, de maior autoridade dentro da escola.

Ela mencionou que o que costuma ocorrer frequentemente é a masturbação. Esse comportamento normalmente ocorre na hora do sono, mas para ela não está ligado ao sexo e sim à descoberta natural do corpo da criança.

> Geralmente os professores são orientados se aquilo é uma coisa passageira não está prejudicando a criança, ou algum outro aluno isso é uma coisa que passa tranquilo, mas se é uma coisa que persiste, a professora se atém a somente a dizer não leva a mãozinha ali, que é um lugar tão reservado tão seu, único que a gente guarda só para si, então não há necessidade de você estar levando a mãozinha, isso você pode machucar. Nesse nível muito superficial, porque você sabe que a criança da educação infantil, te até curiosidade, mas você não precisa se aprofundar tanto, não sei se você concorda com isso é muito tranquilo em relação a isso. É a descoberta do esfíncter não é? Que é a questão do controle do esfíncter, às vezes ela está apertada para ir ao banheiro aí ela põe a mão, mas não uma questão voltada para o sexo. (SUPERVISORA, 2013).

A orientação que ela dá para as/os professoras/es é baseada em "não proibir, mas conversar com a criança para a desestimular a se tocar, não falar muito sobre o assunto para não despertar a curiosidade etc". Constatamos, em seu depoimento, o que é pensamento geral: culpabilizar a influência da mídia e a situação econômica da família.

> Eu percebo que a influência vem dependendo da forma que a família é estruturada dentro de casa, se os filhos dormem com os pais ou não, isso é evidente, isso a gente não pode negar, se eles

> dormem com irmãos maiores ou não se eles tem o quartinho deles ou não se dorme no mesmo quarto, então depende muito da estrutura familiar e a mídia, eu acho que ela está exercendo uma influência muito grande na formação das nossas crianças. (SUPERVISORA, 2013).

A Psicóloga comentou que no caso de surgir alguma discussão ou no caso de alguma criança apresentar um comportamento que necessite de sua presença na escola, ela é chamada; muitas vezes para que realize uma palestra com as atendentes, com as famílias das crianças. A esse respeito, ela comenta que a sexualidade se constitui em um tema de discussão nas escolas que sempre demanda a sua presença. Prova dessa recorrência foi o chamado que fizeram a ela para intervir com a família das crianças de uma EMEI na semana seguinte da entrevista, o qual versava sobre a sexualidade.

Para ela, tanto a Pedagogia como a Psicologia falham nessa parte, porque para a Pedagogia, por exemplo, o que é ensinado é um ensinamento teórico e enfadonho, que não vai ajudar as/os professoras/es a resolver questões diárias sobre a sexualidade, então é convocado alguém de outra área para intervir, um/a Médico/a ou um/a Psicólogo/a, enquanto o/a Professor/a deveria aprender sobre esse assunto para ele/a saber como conduzir o tema; já que o problema surgiu na escola deve ser tratado pelos/as profissionais que lá estão.

> Estar se masturbando quer dizer que a criança está com a mãozinha porque aquilo dá prazer, a sexualidade e aí o conceito, por isso que eu falo pra você são coisas tão básicas, a sexualidade não está relacionada sobre o sexo e você vê que a cultura de repente é muito isso atos sexuais, a sexualidade ela é inerente a gente, o bebê já desde o nascimento a sexualidade está sendo desenvolvida, é prazeroso o contato do bebê com a mãe, a mãe acariciar o bebê isso é sexualidade, quer dizer tem energia sexual ali e vai estimulando e dá prazer não é um prazer sexual, mas é um prazer que dá então é um prazer é a sexualidade, então eu percebo que as professoras às vezes elas não entendem isso que a sexualidade ela é tudo é energia e não atos sexuais.(PSICÓLOGA, 2013).

Para a *Psicóloga*, se os/as professores/as compreendessem que a sexualidade não representa o ato sexual, elas não precisariam chamá-la, pois saberiam resolver por si mesmos/as o problema que, na opinião dela, pertence à escola. A criança está apenas se conhecendo e como professores e professoras não sabem como lidar com essas questões pedem ajuda para explicar para a criança o que está havendo.

Ela menciona que "assim como existem lugares para fazer cocô e xixi, a sexualidade também deve acontecer em um local apropriado, onde ela tem liberdade e

privacidade, como seu lar, por exemplo". Afirma ainda como o(a) docente deveria proceder.

> Olha tá mexendo no seu pipizinho, fulaninho tá gostoso? Mas aqui não é o lugar e não é o momento quer dizer não é que não pode é pecado não faça isso agora não é o momento, a criança não vai ficar muito perguntando qual é o momento porque isso é coisa do adulto, ele já quer falar tudo. (PSICÓLOGA, 2013).

A Psicóloga garante "que as crianças têm certos comportamentos que estão dentro da faixa etária pela qual a criança está passando, então tem a fase do exibicionismo que a criança gosta de mostrar a calcinha". Segundo ela*,* faltam conhecimentos teóricos para que as/os professoras/es entendam o comportamento sem tantas preocupações.

O que realmente causa preocupações, de acordo com a *Psicóloga,* é quando a criança está reproduzindo gestos similares à relação sexual.

> Se estiver reproduzindo gestos significa que ela deva ter visto e aí a gente tem que tomar cuidado que não é o pai e a mãe da criança não vive só com o pai e a mãe pode ser os familiares, mas também pode ser a televisão pode ser várias coisas, mas também a gente acaba condenando pai e mãe e aí a gente fala ó tá vendo ela deve ter visto pai e mãe isso e aquilo e aí a gente tem que saber o que essa criança está passando. Quais os ambientes que ela está passando e colocando para ela como eu falei para você do xixi e do coco aqui não é lugar para isso. Vamos brincar de outra coisa tentar entreter ela e não ficar muito no sermão um diálogo infinito, que às vezes ela não tem compreensão para entender que é pecado que não pode conversar muito sobre isso. (PSICÓLOGA, 2013).

No caso de a criança representar uma relação sexual, a *Psicóloga* pensa que ela "possa realmente ter visto algo que ainda não entende por parte dos pais, ou, talvez apenas esteja reproduzindo algo que tenha visto na televisão. Sua sugestão é de mudar o foco da criança".

Ela também comenta que, muitas vezes, não é necessária a repreensão, apenas o silêncio ou a postura já demonstram o descontentamento da professora ou do professor a esse respeito.

Outra sugestão da *Psicóloga* foi "desenvolver na escola algum projeto sobre nomear os órgãos genitais para as crianças". Ela justifica,

> Tem escolas que o pai, famílias que ficam com medo de nomear órgãos geniais para a criança, então é importante nomear porque a criança vai perceber a distinção "olha ele não tem o mesmo que eu", então é importante se colocar dento de um projeto dentro de um tema, não assim jogado então é importante estar sempre

> falando, então você tem a vagina, o menino tem pênis. (PSICÓLOGA, 2013, grifo meu).

Segundo sua afirmação, "o fato de a criança poder diferenciar os corpos de meninos e de meninas, permite que ela se reconheça, saiba as limitações de seu corpo". Assim, dar nome aos órgãos genitais e explicar quais os cuidados que devem ser tomados não somente no que se refere à sexualidade, mas também em relação à sua própria proteção quanto ao abuso é importante, "mas sem exageros para que a criança não fique assustada".

> Então assim, isso é dela ou da criança, é o medo dela ou tem a ver com a criança porque ela pode ficar uma criança assustada ninguém pode encostar, e o encostar eu to falando colocar a mãozinha, agora o manipular, o manipular tem que ser orientado, mas não só aquela criança que está sendo, mas também a outra que está fazendo, mas eu acho que a informação dentro da faixa etária é importante sim, o menino faz xixi em pé e a menina senta. (PSICÓLOGA, 2013).

Comento com ela sobre a experiência que eu tive com o *Professor M* durante minha pesquisa de mestrado quando as crianças pediram que ele falasse sobre sexualidade e ele utilizou a religião para explicar porque esse comportamento não poderia ocorrer na escola. A *Psicóloga*, sobre essa atitude, afirma:

> Acho que é muito mais da pessoa independente do sexo masculino ou feminino, mas pensando no sexo masculino, acho que o professor sim, ele acaba tendo uma dificuldade maior, talvez por essa preocupação mesmo, "o que os outros vão falar?" um professor homem falando sobre sexo na escola e esse já é um tema difícil, então não posso desconsiderar isso também, quer dizer que não, não existe,existe sim, então talvez o professor fique meio receoso de colocar sobre esses assuntos com a criança e ela vai chegar em casa, meu professor falou pênis, meu professor falou vagina e aí a escola vai falar porque o professor já falaria se fosse com uma mulher, de repente já chegaria escandalizada, com um homem talvez muito mais que seja preocupação, então eu acho que também não posso desconsiderar sobre isso não. Mas acho que também não dá para na responde nada para criança. (PSICÓLOGA, 2013).

Ela mencionou que compreende o medo do professor, mas também considera que é importante não deixar a criança sem resposta, afinal se ela perguntou ela tem o direito de receber uma resposta, porém o caminho da religião que ele utilizou ela considera não ser o adequado. Ela justifica que tem

> [...] pessoas que lidam melhor com essa questão da sexualidade tem profissionais professores que lidam bem que sabem conversar com a criança que não tendencionam para a parte espiritual, porque talvez tenham crianças que a família é ateia aí a família não coloca sobre Deus com a criança é por isso que eu acho complicado, porque às vezes assim a gente sai de uma explicação e vai para outra e aí a outra dá totalmente errada. (PSICÓLOGA, 2013).

De acordo com a *Psicóloga* explicar a sexualidade para a criança utilizando religião como justificativa confunde ainda mais a criança. Se a sexualidade tem representado, precocemente, algumas preocupações no que se refere à Educação Infantil, "utilizar a religião para explicar a curiosidade sobre a sexualidade, ao invés de responder às dúvidas, aumenta ainda mais a curiosidade da criança".

Outra constatação da *Psicóloga* acerca da curiosidade da criança deste nível de ensino, no que se refere à sexualidade, é estimulada pela influência da mídia. "As informações estão disponíveis para a criança, as roupas que estão sendo direcionadas para as crianças e outras formas de apelo à sexualidade":

> [...] as roupas são mais curtas, então chamam mais a atenção, as meninas não se vestem como meninas, se vestem como mulheres, então tem esse apelo indireto para as crianças, tem muitas famílias que tem que ficar podando, isso para que a criança respeite a fase que ela está, mas é uma luta não é? (PSICÓLOGA, 2013).

Nota-se que a sexualidade tem representado angústias para as professoras e para os professores municipais desta cidade. Professoras e professores não têm a formação necessária para *saber agir* convenientemente em relação à curiosidade das crianças, então permitem que os valores e medos façam parte de suas práticas pedagógicas.

Os homens, como professores, consideram que além da formação, falta também a confiança da família das crianças e das colegas de trabalho com relação ao abuso sexual. Se eles são vigiados apenas pelas suas práticas, imagine quando precisam responder às crianças quanto à sexualidade.

Considero, nesse sentido, que as dificuldades que a Educação Infantil enfrenta no que se refere ao aspecto assistencialista influenciam as práticas pedagógicas, bem como as relações de gênero contribuem para consolidar o tabu que envolve as curiosidades das crianças sobre a sexualidade. Buscando refletir sobre essas questões, entrevistei alguns especialistas sobre sexualidade, para apontar alguns caminhos que pudessem iluminar a trajetória profissional dos professores e professoras a esse respeito.

3.2 Como os pesquisadores acerca da sexualidade contribuíram com esta pesquisa

Os *pesquisadores* Paulo Rennes, docente da UNESP no Câmpus de Araraquara e Ana Cláudia Bortolozzi Maia, docente do Câmpus de Bauru, da UNESP, participaram das entrevistas. As pesquisas que ambos têm desenvolvido referem-se à sexualidade e educação. Devido ao fato de terem publicado um vasto material sobre o tema, ambos têm demonstrado experiência suficiente para contribuir com informações sobre os mitos e tabus que circulam na escola envolvendo a sexualidade na infância. Sendo assim, optei por entrevistá-los após finalizar as entrevistas com os demais participantes de Marília, em busca de sua ajuda quanto à compreensão das respostas.

Perguntei ao *pesquisador* se ele concordava com a afirmação da maioria dos/as entrevistados/as de que uma das causas da curiosidade da criança sobre a sexualidade está interligada a estímulos visuais como dormir no mesmo quarto que os pais. Ele respondeu dizendo que "considera que esta afirmação não está totalmente certa e nem totalmente errada". Ele explica.

> Primeiro: toda criança tem a sua sexualidade, a sexualidade se manifesta em todas as crianças, a questão é como ela se manifesta. Em algumas crianças essa manifestação vai ser mais aparente, de outras crianças vai ser mais contida mais escondida por questões culturais e por questões de estímulos que a criança venha a receber não no sentido de voltados pras práticas, estímulos voltados pra sexualidade aparente, não é isso, são estímulos que eu digo no dia-a-dia mesmo, então, por exemplo, pode haver crianças que os pais conversam mais, outras que conversam menos. Em situações em que há estímulos visuais como crianças que vêm os pais mantendo relações sexuais ou que mantenha acesso a conteúdo erótico dos pais. Agora o que a gente não pode é explicar a manifestação sexual a partir desta ótica, isso é muito restrito. (RENNES, 2013).

Para ele, não é uma questão de causa e efeito, existem crianças que estão acostumadas a ver os pais nus, pois estes costumam andar sem roupa pela casa, ou tomam banho juntos e elas convivem com a sexualidade como algo natural. Assim, "elas não têm motivo para expor, ou se manifestar como uma criança em que tudo é reprimido, tudo é mais contido".

Para ele, as explicações sobre a manifestação da sexualidade são amplas e mais profundas do que como as professoras e professores colocam, que "sempre que possível utilizam mitos e tabus para justificar sua insegurança".

> Eu coloco assim o professor como leigo na questão da sexualidade porque eles não têm nenhuma formação nenhum preparo, a educação sexual do professor é muito mais doméstica do que acadêmica, aquilo que ele aprende de pai, de família, aquilo que ele aprende na cultura, muitas vezes na religião, então o professor vai carregado de tabus e de preconceitos e de falácias, então assim são informações pseudocientíficas que ele tira de algum lugar e apresenta como verdade, então tipo "criança que recebe educação sexual, ela vai ter uma sexualidade precoce" eu já ouvi muito professor falar isso "criança que são oriundas de uma classe economicamente desfavorecida, há muita promiscuidade," então essas pseudo-afirmações científicas elas acabam sendo incorporadas na linguagem do professor. (RENNES, 2013).

As *falácias*, de acordo com esse pesquisador, circulam entre os discursos dos/as professores/as ao ponto de serem defendidas como verdade. Essas *falácias* "justificam o desconhecimento sobre o tema utilizado em benefício próprio, como por exemplo, a afirmação de que, quanto mais se fala sobre sexualidade a curiosidade da criança aumenta, é uma justificativa para não abordar esse tema".

O *pesquisador* me relatou que a sexualidade também é motivo de preconceito na Faculdade em que atua. Essa afirmação se comprova baseado na trajetória de seu grupo de pesquisa, que sempre foi vítima de chacotas decorrente do desinteresse sobre o tema estudado. O investimento que a Universidade oferecia ao grupo era diferente porque, de acordo com o *pesquisador,* "a valorização era pra outras áreas que apresentavam um potencial para crescer".

Além do mais, conforme relatou, o tema estudado, assim como os integrantes de suas pesquisas, representavam motivo de piadas.

> Na linha de pesquisa em sexualidade, então são umas coisas assim que eu dou risada porque por mais que tenha uma certa, como é que fala não é perseguição, mas um certo desprezo pela área da sexualidade ela acaba tendo uma visibilidade e isso é bom para nós porque nos ajuda a evitar essas brincadeiras, igual eu estava falando pra você nós temos aqui uma área verde e costuma vir Siriemas para cá e na época do acasalamento o macho fica gritando e aí já chegaram não agora, mas nesse tempo das piadas bater na minha porta, para fazer terapia com o casal de Siriema. "A gente não aguenta mais vai fazer terapia com elas." (RENNES, 2013).

O desprezo pelo tema de estudo do grupo foi evidente. Perguntei a ele se considerava que esta aversão poderia estar relacionada ao fato de ser um homem estudando esse tema, ele considera que não, ele já questionou outros colegas do grupo

de pesquisa e eles afirmaram que também passavam por esse desprezo, independente de serem homens ou mulheres.

> Eu acho que é uma questão meio social, como a sexualidade ela sempre foi motivo de piada, de brincadeira do escondido quando vai para o acadêmico, o acadêmico reproduz a sociedade. (RENNES, 2013).

No entanto, o desprezo com que o grupo de pesquisa já estava acostumado a lidar não fez com que esse pesquisador permanecesse estagnado, ao contrário, publicaram ainda mais, criaram o Programa de Pós-Graduação em Sexualidade e começaram a ter muito mais visibilidade, até mesmo internacional. Assim, o grupo que estava há quatorze anos trabalhando com as ferramentas que tinha, diferente de outros grupos, que lutava para conseguir. Com isso, conforme seu relato, o grupo passou a ser valorizado e, nos últimos cinco anos, conquistou seu espaço de direito no mundo acadêmico.

> Com a criação do programa a gente teve um reconhecimento que a gente não esperava porque não é um programa novo é um outro programa de educação e a gente está se esforçando para ser um programa muito bom, porque a única forma da gente sobreviver é a gente sendo melhor, aí não é nem uma questão de pretensão, mas é de sobrevivência, porque vamos dizer assim se não houvesse nenhum tipo de discriminação, nenhum tipo de restrição por ser da área da sexualidade, nós estaríamos caminhando normalmente, ninguém estaria preocupado com nada, mas a partir do momento que tem essa carga enorme em cima da gente a gente tem que se destacar como defesa. (RENNES, 2013).

A sexualidade ainda é um campo de estudo cercado de preconceitos e cada um age como pode, visto que não tiveram formação a respeito do tema. Na Educação Infantil "tenho tentado demonstrar que os/as professores/as tentam ignorar a curiosidade da criança, para não explicar o que não têm preparo para lidar com esse tema", conforme relata. Já na Universidade, como afirma, o preconceito quanto ao tema prejudica o grupo que se empenha em estudá-lo. De acordo com esse *pesquisador,* para que esse preconceito tenha fim é necessário que haja um empenho maior em termos de produção de conhecimento para se tornar um grupo valorizado.

A professora e *pesquisadora* sobre sexualidade Ana Claudia Bortolozzi Maia, afirmou que o mais difícil sobre a sexualidade na infância são os adultos.

> Uma série de coisas que eu acho mais difícil é primeiro, o professor se desvencilhar dos valores que eles tem porque eles passam muito valor, então assim, a ela é gordinha, esse aqui é

> agressivo, outra coisa que eu acho difícil é a religião, então assim as escolas são laicas. (MAIA, 2013).

A *pesquisadora* me contou que quando está conversando com as professoras, precisa focar na escola em todos os momentos, porque senão elas comentam suas atitudes, como se estivessem ensinando os próprios filhos e não as crianças da escola. Tal atitude comprova que elas estão tratando desse tema como se fosse um assunto doméstico.

> Você pode ter uma postura pessoal com seus alunos, mas na escola não então a gente tenta mostrar isso pra elas, pra eles tentarem desvencilhar esse valor que é muito forte a homossexualidade também aparece muito eu vou concertar meu aluno gay. (MAIA, 2013).

Para ela, as professoras não têm segurança para defender a importância da educação sexual, se um pai vier para pedir satisfação sobre como elas abordam qualquer outro tema, elas justificam, mas a sexualidade é algo sobre o que não têm certeza. Além disso, quando a instituição entende a importância de esclarecer as dúvidas das crianças sobre a sexualidade e apoiar a iniciativa das professoras de falar sobre esse tema, isto contribuiria, também, para proteger a criança da possibilidade de abuso.

3.3 Questões iniciais a respeito dos aspectos discutidos

A sexualidade causa muitos preconceitos e tabus quando se refere às crianças da Educação Infantil. Os preconceitos giram em torno dos estímulos que a criança tem recebido como a influência da mídia, o relacionamento com a família como dormir no mesmo quarto com os pais devido à questão financeira.

O maior problema relacionado à sexualidade no espaço escolar se refere à falta de formação dos envolvidos; nesse caso específico, os professores e as professoras. Esse espaço vazio rapidamente é ocupado pelos mitos que envolvem este tema impedindo que circule livremente e que seja trabalhado convenientemente.

Conversar com as crianças sobre suas curiosidades acerca da sexualidade tendo um homem como professor dificulta ainda mais o trabalho com a temática. Eles confessam que preferem deixar a criança sem resposta. Mas essa dificuldade dos professores sobre o tema, não ocorre só na escola. O grupo de pesquisa sobre a

sexualidade segundo contou o professor e pesquisador Paulo Rennes também sofreu com o preconceito sobre o tema, assim como se constata no caso da temática de gênero.

De acordo com os/as entrevistados/as das escolas municipais de Educação Infantil de Marília, a curiosidade sobre a sexualidade tem sido mais comum do que se imagina e tem ocorrido mais precocemente. Sendo assim, as questões sobre a sexualidade, que representam dúvidas para as crianças, devem ser respondidas.

A análise das entrevistas que desenvolvi permite problematizar diversas questões a respeito do tema sexualidade na Educação Infantil. Cada questão, a partir de um determinado enfoque, traria contribuições para compreender o tema, considerando que ainda há muito a ser pesquisado a respeito. Dentro dos limites da pesquisa de doutorado que venho desenvolvendo, ficou evidente que a questão da formação de professores e professoras para a sexualidade é essencial, assim como a educação na perspectiva de gênero, o que levou-me a considerar a temática como elementar e basilar dentro do âmbito escolar.

Como relembra Colinvaux (2009, p. 44) e que ficou evidente nas falas dos(as) entrevistados(as) nesta pesquisa, as instituições sociais, tais como a escola, ainda precisam desconstruir ideias e percepções culturais universais sobre o que é a sexualidade da criança e sobre quais são suas necessidades e seus desejos. “As crianças pensam, falam, sentem, desejam, argumentam, reinvindicam e, por isso, essas desconhecidas precisam ganhar voz e vez”.

Quantas vezes a criança é aquela *de quem falamos* e não *com quem falamos*, mesmo quando está ao nosso lado, conforme afirma o Colinvaux (2009, p. 59). Ainda afirma que percebemos, nos espaços infantis, crianças que brincam, participam de atividades, mas que, tantas vezes, tornam-se (in)visíveis aos olhos dos adultos nas suas descobertas e brincadeiras sexuais infantis bem como em outros âmbitos.

Penso, nesse sentido, que se durante a formação inicial ou continuada dos professores, alguns conteúdos sobre a sexualidade na infância fossem contemplados em disciplinas ou em cursos de extensão, as chances de termos professores e professoras mais capacitadas/os para responderem às perguntas das crianças, seriam maiores. Com isso, as manifestações da sexualidade poderiam ser momentos de aprendizado e não de quebra do padrão, ou preconceito, para o que as respostas direcionadas sairiam do âmbito religioso e tenderiam mais para o âmbito cultural e social.

Conclusão

Ao longo deste trabalho foi possível verificar que os educadores selecionados para a realização desta pesquisa possuem uma concepção sobre sexualidade infantil baseada no senso comum e fortemente influenciada pelos valores, crenças e comportamentos culturalmente definidos.

Assim como ocorre com grande parte dos adultos, também eles, preferem negar que exista sexualidade na criança pequena e, quando são obrigados a se depararem com manifestações da mesma no espaço escolar, tendem a silenciar-se diante delas e nas suas falas é possível verificar que não raras vezes se confunde sexualidade com sexo.

Não é por acaso que entre meus entrevistados há aqueles que atribuem as manifestações mais claras de sexualidade entre as crianças a fatores de falta de estrutura econômica das famílias. Dormir no mesmo quarto que os pais parece, segundo alguns, servir para que a criança aprenda pelo exemplo a se erotizar. Contudo, é curioso notar que nestas explicações está presente o modelo de família nuclear composta por pai, mãe e filhos.

Nota-se ainda nas percepções dos educadores e na análise de suas práticas pedagógicas que quando o tema é lidar com manifestações concretas de sexualidade na educação infantil formal, eles realmente não sabem como fazer. Admitem e sentem que há lacunas no processo de formação inicial (cursos de formação de professores) e sentem-se inábeis para enfrentar momentos e situações que fogem daquilo que é o esperado e considerado normal.

Os que não silenciam ou fecham os olhos para não ver uma criança se tocando ou se masturbando no espaço escolar, recorrem para valores morais ou religiosos ou à família. Se o assunto é delicado para tratar diretamente com os pequenos, também é complicado para falar com a família. Talvez, por isso, façam uso de profissionais externos à convivência cotidiana como à psicóloga ou supervisora de ensino.

A complexidade do tema atinge todos os níveis de ensino e vi que também na Universidade há uma discriminação sofrida por aqueles que se dedicam à pesquisa sobre a sexualidade infantil ou que propõem trabalhos de extensão universitária que objetivem uma formação continuada de professores nesta área, conforme foi revelado pelos

pesquisadores entrevistados. São vítimas de gozações por parte de alunos e de colegas de profissão.

A pouca quantidade de pesquisas na área também pode ser reveladora de que há falta de interesse por parte da academia. Contudo, é possível supor que esse descaso em relação ao tema para a pesquisa resida mais nos elementos que estão presentes na mentalidade coletiva que coloca o assunto como algo proibido e, por isso mesmo, polêmico.

No entanto, digo que, se as Universidades devem produzir pesquisas que tenham relevância social, está aí um problema a ser investigado. A construção das identidades sexuais na infância e a sexualidade infantil são questões com as quais o educador se depara cotidianamente no seu fazer pedagógico. Por ser inerente ao ser humano desde o nascimento até a morte, não há como continuar negando sua existência ou manifestações.

Se a instituição de educação infantil é o primeiro espaço de educação formal frequentado pelas crianças pequenas, é através dela que ocorre parte da socialização primária. Portanto, os educadores da infância tem grande responsabilidade na formação das identidades sociais de seus alunos.

Paradoxalmente esses educadores, talvez por estarem cientes da grandeza de sua profissão em colaborar para a formação de adultos saudáveis através da socialização que ocorre através de suas práticas pedagógicas, trabalham como se seu ofício se resumisse em uma extensão do espaço doméstico. Não é por acaso que há um maior número de mulheres neste nível de ensino e que os poucos homens que lá estão, são discriminados e tem sua identidade sexual questionada a todo momento.

De qualquer modo, verificou-se através das percepções de meus entrevistados que o tema sexualidade na infância é por si só assustador e polêmico. Talvez pelo fato de existir uma associação direta entre sexualidade e ato sexual é preferível para muitos negar a sua existência na infância. Na concepção de parte deles, o assunto deve ficar restrito ao mundo dos adultos, por isso a família é chamada quando julgam que certas manifestações que, segundo eles, estão diretamente ligadas ao sexo tornam-se constante no comportamento de determinadas crianças.

Quando o educador prefere ver ou não tem como negar a exploração do corpo por parte de alguma criança, sua intervenção se dá no sentido de proibir de alguma forma. No universo pesquisado, entre os que se colocam como melhor informados e

tolerantes predominaram explicações que remetem a algo que pode ser feito, mas deve ser escondido.

Interessante notar que nos relatos que obtive quanto ao exercício da sexualidade por parte das crianças, predominaram ações ligadas diretamente ao sexo, ao toque nos órgãos genitais. Atitudes como essas foram desenvolvidas por meninos. Houve educadores que explicaram a eles que o "pipi", serve para fazer "xixi". Outro afirmou que ele (o menino) é dono do seu "pipi" e que pode tocá-lo a vontade, mas escondido.

A recuperação de tais afirmações serve para discutir como as práticas sexistas estão presentes no espaço escolar em todos os níveis, no dito e no não dito. Não apenas nos fatos mencionados acima que, de alguma forma, pode sugerir que o menino tudo pode e que, assim como o homem adulto, está sempre pronto para o sexo. A menina que estava com a calcinha à mostra foi alertada pelo professor para sentar-se de forma comportada, outros educadores falaram das roupas usadas por elas que exibem o corpo. Enfim, tais fatos nos faz supor que a erotização da sexualidade infantil é feita pelos adultos.

Na escola os educadores reproduzem através de suas práticas pedagógicas as práticas sexistas que existem na sociedade em geral. Por ignorarem como trabalhar com as manifestações da sexualidade infantil, reproduzem, da mesma forma, ações e omissões que existem no espaço doméstico.

A dificuldade, na verdade, é a de um adulto falar sobre sexualidade com crianças. O fato de ser educador profissional não faz dele um ser isento das regras, valores, comportamentos, crenças, medos e tabus que existem na sociedade como um todo. Ele também é um produto da história. Contudo, o que pode diferenciá-lo neste contexto e torná-lo um sujeito, é a capacidade de refletir sobre essa e outras questões que envolvem o fazer pedagógico. Negar a existência de um problema é um indício de que o mesmo será perpetuado e naturalizado. Ver como natural a ignorância humana é vê-la como uma fatalidade determinada pela ordem cósmica.

Referências

ARRILHA. Margareth. Homens e a “zoeira” e a “responsabilidade” In: ARRILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. U; MEDRADO, Benedito. *Homens e masculinidades*: outras palavras. São Paulo: Ecos, 1998.

BRASIL. Lei n. º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <www.mec.gov.br/seb/pdf/LDB.pdf>. Acesso em: 06 de junho de 2013.

_____Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. *Cidadania da mulher professora.* São Paulo: Ícone, 2005.

CARVALHO, Marília Pinto de. *No coração da sala de aula*: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo: Xamã, 1999.

CERISARA, Ana Beatriz. Professoras de educação infantil: entre o feminino e o profissional. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

CONNELL. Robert W. Políticas da Masculinidade. *Educação & Realidade*. jul/dez,1995.

COLINVAUX, Dominique. Crianças na escola: histórias de adultos. In: LOPES, Jader Janer Moreira. MELLO, Marisol Barenco de (orgs.). O jeito que nós crianças pensamos sobre certas coisas: dialogando com lógicas infantis. Rio de Janeiro: Rovelle, 2009. p. 43-62.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Entre batons, esmaltes e fantasias In: MEYER, Dagmar Estermann;SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues (orgs). Corpo, gênero e sexualidade. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 31-40.

_____. Gênero e sexualidade nas Pedagogias Culturais: implicações para a Educação Infantil. In: 22º REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 1999, Caxambu - MG. Anais da 22º Reunião Anual da ANPEd, 1999.

_____. Entre tias e tiazinhas: pedagogias culturais em circulação. In: Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo? Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

_____. Afinal quem é mesmo o pedófilo? *Cadernos Pagu*. Rio Grande do Sul, n. 26 jan.-jun. 2006.

FINCO, Daniela. Socialização de gênero na Educação Infantil. *Ciências e letras.* Porto Alegre, n. 43, p. 261-274, jan./jun. 2008. Disponível em:<www.fapa.com.br/cienciaseletras>. Acesso em: 15 jul. 2010.

_____. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. *Pro-Posições*. Campinas, SP, v.1, n.1, mar. 2003.

_____. Socialização de gênero na educação infantil. In: FAZENDO GÊNERO - CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8, Florianópolis. Socialização de Gênero na Educação Infantil, p. 1-6, 2008. Disponível em: <http://aristarco.fe.unb.br/gde/images/livros/socializacao_de_genero.pdf>. Acesso em: 23 abril 2012.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*: a vontade de saber. Tradução M. Thereza Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerquer. 11ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. Não ao sexo rei. In: Microfísica do poder. Tradução e organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 229-242.

_____. A ordem do discurso. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não*: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 2003.

FREUD, Sigmund. Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JAMES, Allison. Conceitos de infância, criança e agência. A construção de hospitais infantis na Inglaterra como estudo de caso. In: RIZZINI, Irene; SILVA, Sueli Bulhões da (orgs). O social em questão. Ano XX, n. 21. Rio de Janeiro: PUC-Rio. Departamento de Serviço Social, 2009. p. 31-45.

KRAMER, Sonia. Direitos da criança e projeto político pedagógico de educação infantil. In: BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sonia. *Infância, educação e direitos humanos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. *Infância e educação infantil:* uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LABEGALINI, Andréia Cristina Fregate Baraldi (org). *Pesquisa em educação*: passo a passo. Marília: Edições M3T Tecnologia e Educação, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação:* uma perspectiva pós estrututralista. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008b.

_____. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO,G.L. (org.). *O Corpo educado*: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 07-34.

_____. Gênero e Sexualidade. As múltiplas "verdades" da contemporaneidade. *Anais do II Congresso Internacional Cotidiano*: Diálogos sobre Diálogos. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 17, 2008.

_____. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórica metodológicas. *Educação em Revista.* Belo Horizonte n. 46, dez. 2007.

_____. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 8 ed. Rio de janeiro: Vozes, 2012.

_____. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação & Realidade*. Jul./dez. 1995.

_____. *Questões para a educação*. Gênero, democracia e sociedade brasileira. São Paulo: FCC, 2002.

_____. *Corpo educado*: pedagogias da sexualidade. 2 ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

_____. Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*. Jul./dez. 2000.

LYRA, Jorge; MEDRADO. Benedito. Gênero e Paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico. *Estudos Feministas*, 2000.n. 8. 1semestre.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; SPAZIANI, Raquel Baptista. Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. *Revista Linhas.* Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação Florianópolis, n.1, 2010.

MOLINIER, Pascale; WELZER-LANG, Daniel. Feminilidade, masculinidade, virilidade. In: HIRATA, Helena et all (org.). Dicionários crítico do feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 101-106.

NUNES, César; SILVA, Edna. A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

NOVAES, Maria Eliana. *Professora primária* – mestra ou tia. São Paulo: Cortez, 1984.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de Discursos sobre a masculinidade. *Estudos Feministas* IFCS/UFRJ, vol. 6 n. 1/98, 1998.

ORIANI, Valéria Pall. *Direitos humanos na educação infantil*: primeiros passos para a cidadania. Marília, 2008. 105f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, 2008.

_____. Direitos humanos e gênero na educação infantil: concepções e práticas pedagógicas: Marília, 2010.

SCHINDHELM, Virginia Georg. A sexualidade na Educação Infantil. Revista Aleph. Infâncias. Ano V. N. 16, novembro de 2011. <htp:www.uff.br/**revistaleph**/pdf/art9.pdf.> Acesso em: 01 de maio de 2015.

ANEXOS - Roteiro das entrevistas

Roteiro de entrevista com o Professor Paulo e Professora Ana Cláudia Bortolozzi Maia

Por que, na sua opinião, algumas crianças manifestam a sexualidade mais cedo e outras não?

Quais fatores influenciam mais seria o social e econômico ou cultural

Por que, na sua opinião, as universidades não comtemplam a educação sexual?

Porque é tão difícil para a mulher na E.I lidar com a sexualidade da criança?

E o homem na Educação Infantil?

O professor acha que a influência que a religião na politica como está, tende a piorar a perspectiva de uma educação sexual?

Ser um professor que defende a Educação sexual já resultou em comentários maldosos?

Roteiro de entrevistas com o professor da Escola Municipal de Educação Infantil

Apresentação: Nome – idade- Formação.

Porque escolheu essa profissão?

Quando escolheu essa profissão já pensava em atuar na E.I?

O que sua família e amigos acharam quando decidiu ser professor da E.I.?

Há quanto tempo atua como professor da E.I.?

Como foram suas primeiras experiências na escola?

Qual foi a reação das outras professoras? E a dos pais?

E as crianças como reagem tendo um professor?

Você considera que sua prática pedagógica é diferente das suas colegas de trabalho?

Ser homem nessa profissão te torna diferente em algum aspecto?

Sente alguma dificuldade que acha que suas colegas não sentem por serem mulheres?

Em sua opinião, quais as vantagens e desvantagens de ser homem nessa profissão?

Você se sente mais observado pelos pais e mães, ou até mesmo pela direção da escola do que as demais colegas de trabalho? Por quê?

Já ouviu algum comentário preconceituoso em relação a sua masculinidade por ter escolhido essa profissão?

Você acha que existem profissões que somente mulheres podem atuar e outras só para homens? Você pode exemplificar?

Você acha que as mulheres por terem a habilidade de ser mãe, conseguem ter uma aproximação maior com as crianças, ou você acha que essa questão não influencia o que importa é o profissionalismo?

Quando pensa em realizar alguma atividade com as crianças ou até mesmo ao propor alguma brincadeira, leva em conta às diferenças de gênero?

Em alguma situação durante as atividades pedagógicas, ou durante o banho ou troca de fraldas alguma criança demonstrou curiosidade a respeito da sexualidade?

Se ocorreu, você poderia descrever essa ou alguma outra situação em que precisou conversar com as crianças a esse respeito?

Quais referências, você considera que buscou para falar sobre esse assunto com as crianças?

Fazendo uma reflexão sobre sua atuação naquele momento em que esse fato ocorreu, você acha agiu certo? Por quê?

Você considera que sua formação te preparou para situações como essa?

De que forma você pensa que a Universidade poderia resolver essa questão?

Como a direção da escola costuma lidar com essas questões? Há alguma recomendação para situações como essas?

Há algum tipo de manifestação por parte dos pais a respeito da sexualidade?

O que você considera mais complexo conversar com as crianças a esse respeito ou explicar para os pais que esse assunto se fez presente na sua aula?

Você considera que pelo fato de ser homem essa questão pode ter um peso maior?

Alguma vez a Secretaria proporcionou algum tipo de formação continuada que envolvesse questões sobre relações de gênero e sexualidade?

Se não ofereceu, você considera que essa formação seria importante?

Roteiro de entrevista com a professora de Escola Municipal de Educação Infantil

Apresentação: Nome – idade- Formação

Porque escolheu essa profissão?

Quando escolheu essa profissão já pensava em atuar na E.I?

Há quanto tempo atua como professora da E.I.?

Você acha que existem profissões que somente mulheres podem atuar e outras só para homens? Você pode exemplificar?

Você acha que as mulheres por ter a habilidade de ser mãe, conseguem ter uma aproximação maior com as crianças, ou você acha que essa questão não influencia o que importa é o profissionalismo?

Quando pensa em realizar alguma atividade com as crianças ou até mesmo ao propor alguma brincadeira, leva em conta as diferenças de gênero?

Em alguma situação durante as atividades pedagógicas, ou durante o banho ou troca de fraldas alguma criança demonstrou curiosidade a respeito da sexualidade?

Se ocorreu, você poderia descrever essa ou alguma outra situação em que precisou conversar com as crianças a esse respeito?

Quais referências, você considera que buscou para falar sobre esse assunto com as crianças?

Fazendo uma reflexão sobre sua atuação naquele momento em que esse fato ocorreu, você acha agiu certo? Por quê?

O que você considera mais complexo conversar com as crianças a esse respeito ou explicar para os pais que esse assunto se fez presente na sua aula?

Você considera que sua formação te preparou para situações como essa?

De que forma você pensa que a Universidade poderia contribuir para resolver essa questão?

Como a direção da escola costuma lidar com essas questões? Há alguma recomendação para situações como essas?

Há algum tipo de manifestação por parte dos pais a respeito da sexualidade?

Alguma vez a Secretaria proporcionou algum tipo de formação continuada que envolvesse questões sobre a sexualidade?

Se não você considera que essa formação seria importante?

Eu soube que a escola recebeu um prêmio no qual você e a diretora foram as principais responsáveis, você poderia me contar a respeito dessa iniciativa?

Você poderia me falar um pouco sobre sua concepção de inclusão?

Profissionalmente, esse projeto relacionado à inclusão repercutiu em alguma mudança quanto à sua prática?

Roteiro de entrevista com a diretora de Escola Municipal de Educação Infantil

Apresentação: Nome – idade-Formação

Porque escolheu essa profissão?

Quando escolheu essa profissão já pensava em ser diretora da E.I?

Quais atributos você acha que uma diretora como você precisa ter?

Você acha que um homem daria conta de suas atribuições?

Como são suas relações com os pais e mães das crianças?

Alguma vez algum pai ou mãe te questionou sobre a presença do professor? Se sim como respondeu?

Qual seria, em sua opinião, o receio dos pais em relação à presença dele?

Você poderia me dizer quais as principais características da atuação dele como professor?

No momento de atribuição das turmas você permite que cada um escolha sua turma? Se a resposta for não, quais as características dele que você costuma levar em conta em relação às turmas?

Considera também a posição dos pais e mães a esse respeito, se por acaso vão te questionar?

Você acha que as mulheres por terem a habilidade de ser mãe, conseguem ter uma aproximação maior com as crianças, ou você acha que essa questão não influencia o que importa é o profissionalismo?

Em geral as crianças na Educação Infantil, apesar dos cuidados dos pais e das professoras e professores acabam manifestando alguma curiosidade em relação à sexualidade?

Quando uma situação como essa ocorre como você costuma aconselhar as professoras e o professor a agir?

Em relação aos pais e mães, eles/as são contatados, ou essa situação se resolve na escola mesmo?

Há algum tipo de instrução que venha da Secretaria de como agir em situações como essas?

Se sim você considera que elas são válidas?

Por que você acha que essas questões são tão difíceis de serem tratadas na escola?

Você considera que por intermédio da formação universitária, essas questões poderiam ser vistas de outra forma?

Se sim, em sua opinião que tipo de elementos a universidade poderia proporcionar e trabalhar para facilitar o diálogo entre as professoras, professores e as crianças e também com os pais e mães para que as questões sobre a sexualidade pudessem ser respondidas sem qualquer constrangimento?

Alguma vez a Secretaria proporcionou algum tipo de formação continuada que envolvesse questões sobre relações de gênero e sexualidade?

Se não ofereceu, você considera que essa formação seria importante?

Roteiro de entrevistas com a coordenadora de
Escola Municipal de Educação Infantil

Apresentação: Nome – idade- Formação

Porque escolheu essa profissão?

Quando escolheu essa profissão já pensava em atuar na E.I?

Há quanto tempo atua como professora da E.I.?

Você acha que existem profissões que somente mulheres podem atuar e outras só para homens? Você pode exemplificar?

Você acha que as mulheres por ter a habilidade de ser mãe, conseguem ter uma aproximação maior com as crianças, ou você acha que essa questão não influencia o que importa é o profissionalismo?

Quando pensa em realizar alguma atividade com as crianças ou até mesmo ao propor alguma brincadeira, leva em conta as diferenças de gênero?

Em alguma situação durante as atividades pedagógicas, ou durante o banho ou troca de fraldas alguma criança demonstrou curiosidade a respeito da sexualidade?

Se ocorreu, você poderia descrever essa ou alguma outra situação em que precisou conversar com as crianças a esse respeito?

Quais referências, você considera que buscou para falar sobre esse assunto com as crianças?

Fazendo uma reflexão sobre sua atuação naquele momento em que esse fato ocorreu, você acha agiu certo? Por quê?

O que você considera mais complexo conversar com as crianças a esse respeito ou explicar para os pais que esse assunto se fez presente na sua aula?

Você considera que sua formação te preparou para situações como essa?

De que forma você pensa que a Universidade poderia contribuir para resolver essa questão?

Como a direção da escola costuma lidar com essas questões? Há alguma recomendação para situações como essas?

Há algum tipo de manifestação por parte dos pais a respeito da sexualidade?

Alguma vez a Secretaria proporcionou algum tipo de formação continuada que envolvesse questões sobre a sexualidade?

Se não você considera que essa formação seria importante?

Eu soube que a escola recebeu um prêmio no qual você e a diretora foram as principais responsáveis, você poderia me contar a respeito dessa iniciativa?

Você poderia me falar um pouco sobre sua concepção de inclusão?

Profissionalmente, esse projeto relacionado à inclusão repercutiu em alguma mudança quanto à sua prática?

Roteiro de entrevistas com a Supervisora Municipal da Educação Infantil de Marília e com a Psicóloga da Secretaria Municipal de Educação

Apresentação: Nome – idade- Formação;

Qual foi sua trajetória profissional que permitiu que ocupasse este cargo?

Este cargo te proporciona um contato direto com as profissionais que atuam na Educação Infantil?

Em sua opinião qual a característica mais marcante das profissionais da Educação Infantil?

Dentre estas características que você mencionou considera que um homem pode se encaixar?

Quando a indicação de um homem para a Educação Infantil chega a Secretaria como ele é designado para a escola, existe algum tipo de comunicação com a escola previamente antes de ele ser enviado?

Conversando com as professoras entrevistadas, eu pude perceber que a maioria dos homens que já atuaram na E.I, vieram para a Secretaria, então eu gostaria de saber porque eles recebem esse convocação, há alguma razão específica?

Existe uma preocupação a respeito de que tipo de público ele irá atender e como será sua aceitação?

Se há, como essas característica são previamente discutidas e com quem?

Definida a escola que o professor irá atuar há alguma instrução para a escola que o receberá principalmente em relação à reação dos pais e mães?

No caso de alguma intervenção na escola, dos pais e mães a respeito da presença do professor, existe alguma instrução para que a própria diretora resolva internamente essa questão?

Alguma vez alguma intervenção já chegou até a Secretaria? Qual foi o posicionamento de vocês?

Em minha pesquisa de mestrado eu percebi que o professor Marcelo era muito querido na escola, tanto pelas colegas de trabalho, quanto pelas crianças e percebi durante as observações que ele se sentia muito feliz em atuar, sendo assim eu gostaria de saber se a transferência dele para atuar na Secretaria foi um pedido dele ou iniciativa da Secretaria?

Por que ele parece aos olhos da Secretaria, mais valioso trabalhando aqui do que na escola?

Mudando um pouco de assunto: a questão do banho.

Durante minhas observações na pesquisa de Iniciação Científica, e também quanto na de mestrado eu notei que as crianças na Educação Infantil costumam demonstrar curiosidade a respeito da sexualidade, e que muitas vezes as professoras se sentem incomodadas com essas questões. Por que você acha que isso ocorre?

A Secretaria já tomou conhecimento de alguma situação como essa? Como se posicionou?

Há algum tipo de aconselhamento por parte da Secretaria para preparar as professoras para lidar com questões como essas? Dormir dois meninos

Em sua opinião, a Universidade deveria se preocupar com a formação de professores/as também quanto às questões da sexualidade, tendo em vista que esses questionamentos fazem parte da atuação na Educação Infantil?

Tendo como perspectiva que as professoras estando preparadas ou não para responder a esses questionamentos das crianças , quando essa situação acontece a professora precisa se posicionar, não seria importante algum tipo de preparo para questões como essas, já que a Universidade como principal responsável pela formação de professores e professoras não supriu essa carência?

Alguma vez, a Secretaria já cogitou oferecer algum curso de formação que tratasse questões como essas?

Você acha que se a Universidade propusesse algum tipo de curso de formação continuada, no sentido de preparar as professoras para responder a esses questionamentos por parte das crianças seria importante para a Secretaria?

Roteiro de entrevistas com Orientador Pedagógico Municipal da Educação Infantil de Marília

Apresentação: Nome – idade- Formação;

Você pode me descrever um pouquinho da sua nova atuação neste cargo?

Como foi deixar a sala de aula? O que te dá mais saudades?

Por que você acha que dentre tantas professoras você foi escolhido para ocupar esse cargo?

Como conversamos na entrevista do mestrado você me disse que o início da sua carreira não foi fácil pelo fato de ser homem. Você se lembra de alguma situação específica que exemplifique essas dificuldades?

Já ouviu algum comentário preconceituoso em relação a sua masculinidade por ter escolhido essa profissão?

Em sua opinião, quais as vantagens e desvantagens de ser homem nessa profissão?

Você acha que existem profissões que somente mulheres podem atuar e outras só para homens? Você pode exemplificar?

Você acha que as mulheres por ter a habilidade de ser mãe, conseguem ter uma aproximação maior com as crianças, ou você acha que essa questão não influencia o que importa é o profissionalismo?

Quando pensa em realizar alguma atividade com as crianças ou até mesmo ao propor alguma brincadeira, levava em conta as diferenças de gênero?

Em alguma situação durante as atividades pedagógicas alguma criança demonstrou alguma curiosidade a respeito da sexualidade?

Se ocorreu, você poderia descrever essa ou alguma outra situação em que precisou conversar com as crianças a esse respeito?

Quais referências buscou para falar sobre esse assunto com as crianças?

Fazendo uma reflexão sobre sua atuação naquele momento em que esse fato ocorreu, você acha agiu certo? Por quê?

Você considera que sua formação te preparou para situações como essa?

De que forma você pensa que a Universidade poderia resolver essa questão?

Como a direção da escola costuma lidar com essas questões? Há alguma recomendação para situações como essas?

Há algum tipo de manifestação por parte dos pais a respeito da sexualidade?

O que você considera mais complexo, conversar com as crianças a esse respeito ou explicar para os pais que esse assunto se fez presente na sua aula?

Você considera que pelo fato de ser homem essa questão pode ter um peso maior?

Alguma vez a Secretaria proporcionou algum tipo de formação continuada que envolvesse questões sobre a sexualidade?

Se não você considera que essa formação seria importante?

Você acha que se a Universidade propusesse algum tipo de curso de formação continuada, no sentido de preparar as professoras para responder a esses questionamentos por parte das crianças seria importante para a Secretaria?